ILUSTRAÇÃO

N.º 325 — 14.º ano

1-JULHO-1939

PREÇO-5 escudos

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav ..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 210 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág, com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras .... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág, com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs, com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras .. .. 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... ..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 300 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs, com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. .... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Construçao Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS Agudos ou Chronicos e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO DR. ANTERO DE FIGUEIREDO

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA. Esc. 12$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 14$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construcção de moradias etc., broc. Esc. 10$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11$50

Pedidos à LIVRARRIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energ'a, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a trôto de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)
1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-JULHO-1939
N.º 325 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

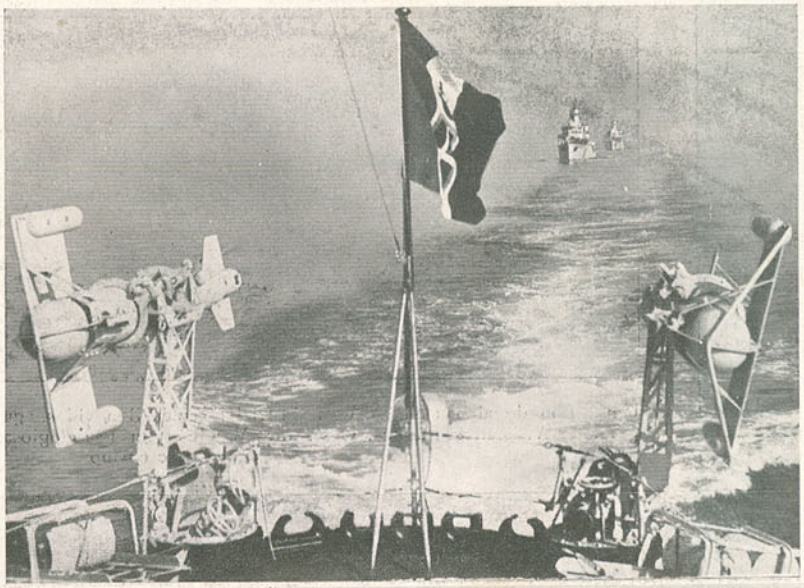
Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A VISITA DA ESQUADRA DE ITALIA

O Tejo teve mais uma visita honrosa — a de um couraçado, quatro cruzadores e oito contratorpedeiros da 1.ª esquadra da Itália. Frota constituída por unidades modernissimas que são verdadeiros modelos de construção naval, fazia uma bela vista na majestade das nossas águas. Em boa verdade, o Tejo foi a digna sala de visitas de tão nobres visitantes. Depois, a marinhagem, uns 7.500 homes espalharam-se por tôda a Lisboa, sondando-lhes os seus encantos, subindo aos pontos altos para melhor poder desfrutar os seus magníficos pontos panorâmicos. Se, até agora, os italianos diziam com ufania: «Ver Nápoles e morrer!», o que ficarão pensando neste momento, depois de terem visto e admirado Lisboa?



Os contratorpedeiros da 1.ª esquadra italiana em pleno Atlântico. Em baixo: *O couraçado «Conte di Cavour»*

ESCOLAS PORTUGUESAS

Um grupo de alunas da Escola Industrial Fonseca Benevides, aguardando a visita do sr. director geral da Assistência Pública. O sr. Mira Mendes referiu-se elogiosamente a êste modelar estabelecimento de ensino

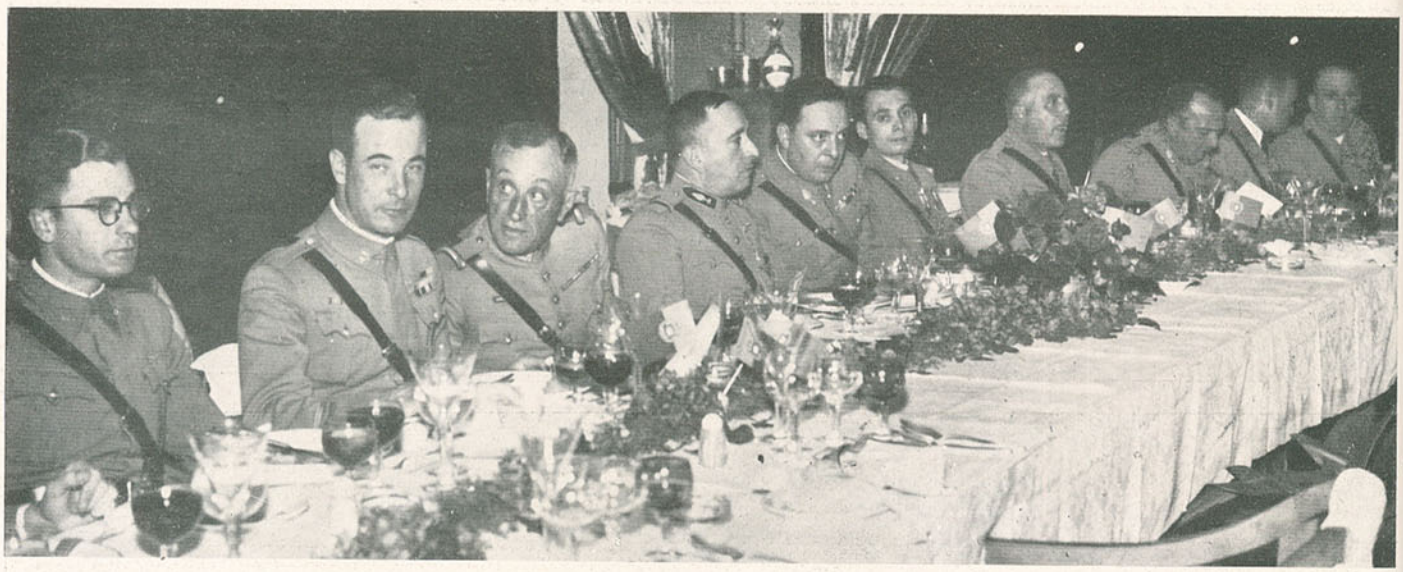
Na sessão solene de encerramento de trabalhos na Escola Comercial Patrício Prazeres, o aluno finalista José Antunes Neto lê o discurso em nome dos seus condiscípulos ao sr. ministro da Educação Nacional. — Em cima, à esquerda, um interessante grupo de alunas

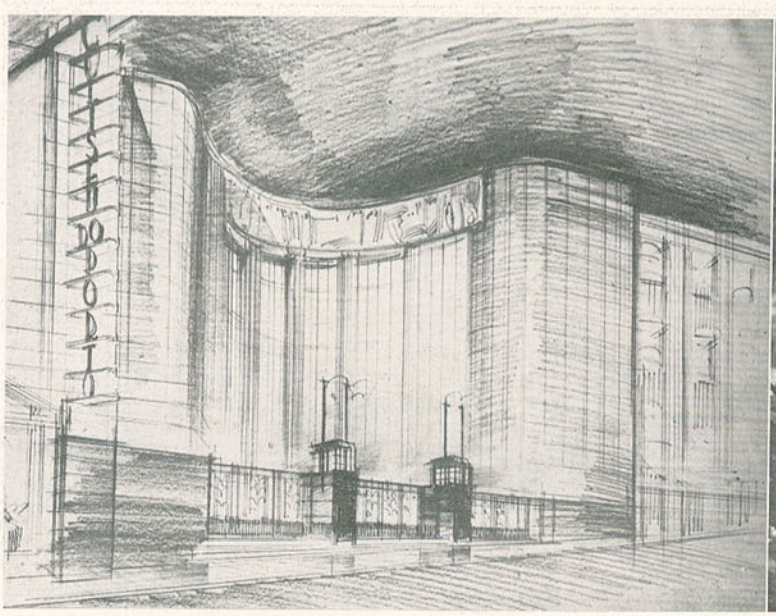
NOTÍCIAS DA QUINZENA

Um trecho da interessante exposição de Arte e trabalhos escolares, no Instituto Feminino Português, que foi muito freqüentada por alunas de vários estabelecimentos de educação oficial e particular. Os directores do Instituto ofereceram aos visitantes um encantador poemeto do grande poeta algarvio Bernardo de Passos. *Ao centro:* Um aspecto da festa de encerramento do ano lectivo, realizado na Escola Industrial do Funchal, vendo se o Orfeão Infantil rodeado da numerosa assistência. *Em baixo:* Grupo de alunas da Escola Industrial do Funchal em formação de gimnástica

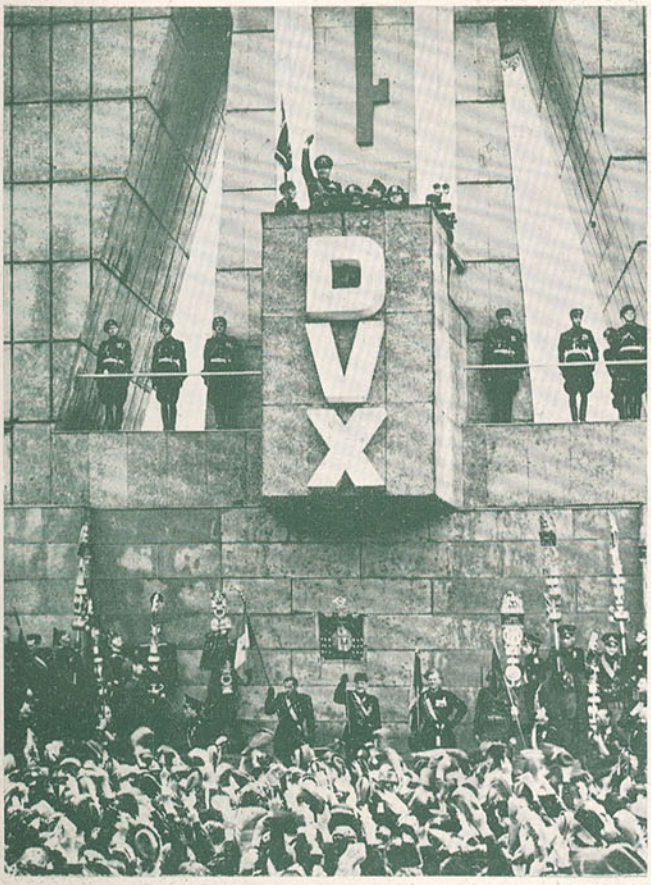
ECOS DA QUINZENA

Um aspecto da assistência à festa da consagração dos «Viriatos» no Teatro de S. Luiz. — *Ao centro:* Um trecho da assistência ao banquete oferecido pelos «Viriatos» ao chefe da missão militar em Espanha, coronel Anacleto dos Santos. — *Em baixo, à esquerda:* A fachada do projectado Coliseu do Pôrto que será inaugurado no ano próximo. — *A' direita:* Os vereadores da Câmara Municipal visitando a exposição de begónias na Estufa Fria do Parque Eduardo VII





COISAS DE ITÁLIA



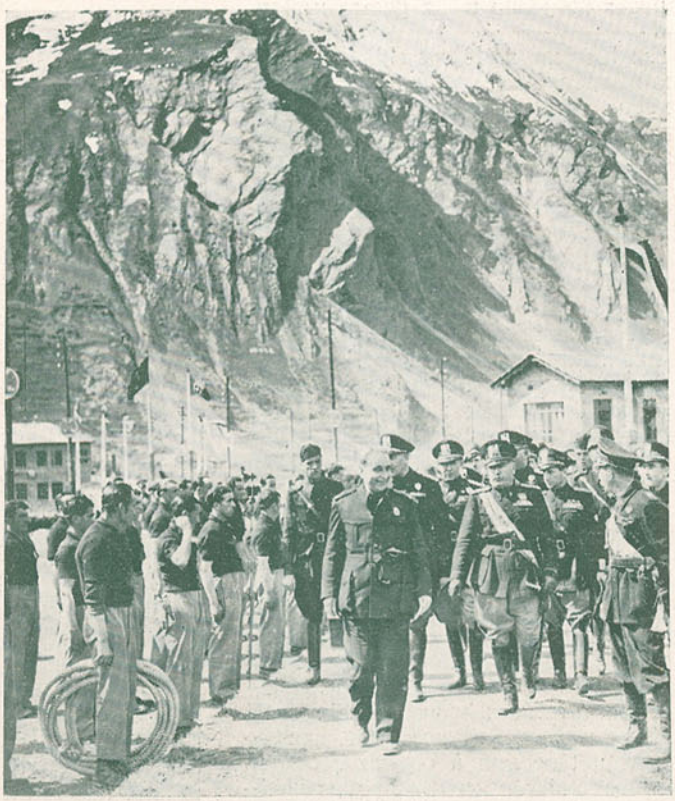
Mussolini falando ao povo na grande praça Vittorio Veneto, da cidade de Turim que evoca a batalha de Outubro de 1918 em que o exército italiano marcou uma bela página nos anais da Grande Guerra

A multidão, na praça Vittorio Veneto, de Turim, ouvindo o discurso de Mussolini

Em Cádiz, a Juventude espanhola aguarda a passagem dos legionários italianos para os saudar

Numa Maternidade italiana, as mães prolíferas mostram a Mussolini os seus filhos

Em Cádiz, a multidão aclama entusiàsticamente os legionários italianos que partem para o seu país



Mussolini visitando uma aaldeia operária que fica a mais de 2.000 metros de altitude, próximaa das grandes minas de ferro de Cogne

Mulheres chinesas implorando o auxílio dos deuses

NO EXTREMO ORIENTE

A FORMIDÁVEL TÁCTICA DAS GUERRILHAS NA CHINA

Calculam os chineses que o Japão levará quatro anos a cansar-se e a cair na bancarrôta

Um repórter da «*Associeted Press*» da América, que pôde presenciar a guerra de guerrilhas na China contra os japoneses, conta-nos o seguinte: «Dia e noite os japoneses disparavam canhões e metralhadoras, às cégas, contra searas de trigo, onde não se divisava vestígios do inimigo, mas onde os japoneses supunham que havia chineses ocultos. As guarnições japonesas viviam sob o domínio do terror e nenhum japonês se atrevia a apartar-se muito dos seus quarteis. De Tien-tsin vinham os aviões diàriamente, mas não encontravam alvo sôbre que atirar. Os rails do combóio que se dirigia para a cidade, tinham sido arrancados, e um combóio militar japonês tinha descarrilado, com prejuízos graves. As armas modernas dos japoneses eram impotentes contra um inimigo, que ninguém via. Os guerrilheiros não podem recapturar uma cidade, mas esperam, por meios de ataques isolados e inesperados, abater o poder do Japão numa guerra prolongada.

Em homens, as fôrças chinesas quási que não têm limite, porque a população do seu território é multi milionária e extraordinàriamente prolífica. As sédes das guerrilhas acham-se ligadas à séde central por meio do rádio ou do telefone. Abastecimento de meios de alimentação não falta; os arsenais de aldeia fabricam espadas, granadas e munições para fuzilaria em quantidade suficiente para o ataque incessante. Pouco depois do ataque a Paoting, o americano atravessou as linhas japonesas sorrateiramente, pedalando na sua máquina, ao abrigo da bandeira americana; mal tinha percorrido alguns quilómetros, saiu lhe ao caminho um grupo de chineses, que haviam estado ocultos até àquele momento. Trajavam fatos de algodão verde, da côr da erva abundante, e as suas munições constavam de granadas de mão, de fabrico nacional. Tendo reconhecido que se tratava de um jornalista americano, país amigo, diz o repórter: «Levaram-me até à séde, a uns 7 quilómetros de distância. Pelas aldeias, os camponeses saüdavam-me com alvorôço; homens, mulheres e crianças usavam de braçadeiras, que indicam pertencerem à organização que fornece comida e armas aos guerrilheiros. Por duas vezes, encontrei unidades guerrilhas, que contavam entre 200 a 300 homens a caminho do combóio, que os levava a alguma sortida contra os japoneses, cantando alegremente os seus cantos patrióticos. A maior parte dêles eram rapazes de 17 ou 18 anos, delgados e secos, vestidos muito sumàriamente, armados com armas muito rudimentares e tomados de um entusiasmo indomável».

Nas planícies a sul de Peiping encontram-se 80.000 guerrilheiros em activo serviço, constituídos na sua quási totalidade por estudantes das escolas e universidade de Peiping, alguns voluntários da Mandchuria com uma experiência de sete anos de guerra contra os japoneses e outros tantos oficiais do exército chinês.

Em uma das aldeias encontravam-se dois professores da Universidade cristã de Peiping, que têm a especialidade de organizar expedições destruïdoras das obras dos japoneses, e exultavam porque haviam regressado de uma expedição em que tinham destruïdo um combóio japonês e causado 200 vítimas.

Quando lhes faltava a dinamite, os professores tinham ensinado os soldados a retirar as travessas que seguram os rails dos combóios, de forma que, quando estes passavam, os rails já soltos desviavam-se e causavam o descarrilamento.

Os japoneses percorrem as linhas férreas com locomotivas leves e blindadas a-fim-de descobrir os pontos em que os chineses tenham preparado alguma cilada, e os chineses, por sua vez, enganam os japoneses substituindo as travessas de ferro por travessas de madeira pintadas da côr do ferro e colocadas cuidadosamente, onde as de ferro se deveriam encontrar. Por êste processo, os chineses já tinham causado 30 descarrilamentos ao sul de Peiping.

Um dos professores ajuntava:

«Na melhor das condições são necessários de 1 a 4 dias para reparar o desastre causado».

Organizam-se também grupos chamados de *ladrões*, especializados no roubo aos japoneses, de rails e arame próprio para redes telefónicas.

Em uma aldeia ofereceram-se duzentos trabalhadores rurais, que se dedicam a êsse trabalho, uma noite por semana. Está calculado que numa noite podem transportar 10 rails, levá-los para uma distância de trezentos metros e enterrá-los para os ocultar à vigilância dos japoneses.

Podem igualmente levantar dois quilómetros de postes telefónicos e levar arame e isoladores respectivos.

A reparação dos estragos causados numa noite, por êsse processo, custa aos japoneses uns 4.800 «yens», ou seja, aproximadamente na nossa moeda, uns trinta contos.

Os chineses puzeram em campo dois mil agentes para organizarem os cultivadores, nas zonas ferroviárias, em agremiações que são como outras tantas máquinas de destruïção, dirigidas por um corpo central.

Se os chineses conseguirem organizar mil dessas agremiações, o génio da destruïção do povo chinês calcula que o orçamento do exército japonês terá de ser acrescido de mais um bilião de «yens» anualmente.

Por seu lado, os japoneses organizaram um corpo de chineses não armados que, sob a ameaça de morte, têm de vigiar as linhas férreas e relatar o que durante a noite houver sucedido.

Um ataque dos japoneses

Na maior parte das vezes, êste corpo de guarda relata a verdade, mas depois de ter ajudado os seus compatriotas a arrancar e transportar os despojos.

Os japoneses ameaçaram de destruïção as aldeias, que se encontrassem próximas dêstes actos de *sabotage*, mas depois de terem destruïdo 200 aldeias, verificaram que a *sabotage* tinha aumentado.

Os japoneses não possuem fôrças em número suficiente para se opôrem a estes actos, e hesitam em sacrificar homens desviando-os dos seus centros, pela noite.

Os chineses mascaram-se de japoneses muitas vezes para facilitar as suas sortidas contra o território em posse do inimigo.

Em tôdas as sédes das guerrilhas há sempre, pelo menos, uns 100 fardamentos japoneses e há muitos oficiais chineses, que falam o japonês perfeitamente.

O general Lin Pao morreu à frente de um destacamento composto por 600 homens disfarçados em soldados japoneses.

Os chineses usam ainda de muitas outras manhas. Há os «corpos de traidores» constituídos por chineses ao serviço dos japoneses que, na maioria dos casos, ajudam os chineses disfarçadamente.

Deu-se êsse caso por ocasião da tomada de Ankers por 300 japoneses, ajudados por 500 soldados chineses mercenários.

A cidade, logo após a tomada, foi cercada por quatro mil guerrilhas, que em 6 dias se apoderaram de 16 caixas com munições japonesas, graças à intervenção dos «traidores».

Nas montanhas a sul de Shansi há um poderoso transmissor de rádio que, tôdas as noites, envia instruções militares a tôdas as guerrilhas da China do Norte. Nenhum dos comandantes das guerrilhas conhece ao certo onde está instalado o transmissor, porque cada três dias êste é transportado, através das montanhas, para um novo pôsto desconhecido.

De uma vez os japoneses tinham-se apoderado da cidade de Shansi, que contém 15.000 habitantes, na intenção de estabelecerem ali uma das suas bases. Tinham transportado para ali 20.000 soldados e grandes quantidades de comestíveis.

Os guerrilheiros, porém, cercaram a cidade durante dois meses interceptando tôdas as caravanas, que traziam abastecimentos. Os japoneses espalhavam algumas das suas unidades pelos campos com o fim de causar o pânico entre os chineses e cessar a pilhagem. De cada vez que uma unidade regressava a quartel, o seu número tinha decrescido e, por êste processo, vendo os japoneses as suas fôrças reduzidas a metade, retiraram para as cidades fortificadas e servidas por combóios. As colunas japonesas continuam a penetrar pelo país, em território onde operam as guerrilhas, e a táctica destas vai sempre aumentando.

Quando os japoneses se aproximam, os chineses abandonam as aldeias.

Em Shansi a população transportou todos os seus bens para o cimo das colinas, onde as guerrilhas podem fàcilmente esconder-se e atirar sôbre o inimigo, se êste se aproximar.

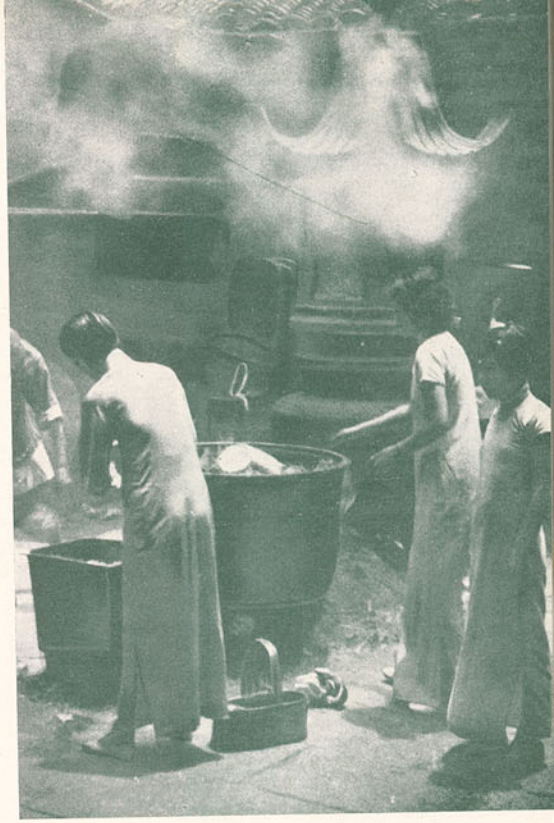
Os japoneses não encontram comestíveis nem gente de trabalho indispensável para o transporte do seu material.

Tôdas as estradas fôram destruïdas afim de dificultar o avanço das tropas; as muralhas medievais de perto de 100 cidades fôram destruïdas para facilitar as operações das guerrilhas.

Os chefes das guerrilhas calculam que levará quatro anos para cansar o Japão e levá-lo à bancarrota, e todos estão dispostos a esperar.

ADOLFO BENARÚS.

Tropas japonesas avançando cautelosamente



Cerimónia típica nos templos chineses

AS LUVAS

A história das luvas não é das mais insignificantes, na vida das coisas pequenas, que se introduziram na existencia do homem com a civilisação.

As luvas que hoje são um acessório elegante começaram por ser um uniforme de guerra. As primeiras luvas que conhecemos são as monstruosas manapolas de aço, usadas pelos guerreiros medievais, manapolas que cobriam as mãos com a armadura de aço que podemos ver nos Museus.

Essas formidaveis armaduras que nos dão a impressão da força bruta, admiravelmente trabalhadas algumas como as que estavam expostas na Armeria do Palácio Real de Madrid, e as que assombram no Museu do Palácio Real de Turim.

Sendo talvez a mais interessante dessas exposições a que está no Museu Stihert em Florença onde podemos assistir a uma carga de cavaleiros montados, que dá á nossa imaginação a sensação perfeita que galopam para nós.

Essas luvas de aço defenderam mãos rudes afeitas a apertar armas pesadas, com que se ceifavam vidas, mas se as observarmos demoradamente que perfeição e delicadeza de trabalho elas não revelam, é que até nas coisas mais brutais há um certo encanto quando são feitas com perfeição e apuro.

Em seguida apareceram as luvas em pele, mas de pele de cavalo ou de pele de bufalo, que os cavaleiros da Renascença arvoravam com os seus trajos ricos e que nos vieram da Italia, berço das elegâncias nessas remotíssimas eras.

Mas apesar de mais delicadas eram ainda combativas essas luvas, porque usadas por guerreiros, embora parecessem mais delicadas do que as luvas de aço.

E eram ainda essas luvas que serviam de desafio e de repto ao combate, quando atiradas aos pés dum cavaleiro, elas significavam a humilhação duma bofetada

E nessa época de valentia e coragem, de amor próprio, qual era o cavaleiro, que não levantava uma luva do chão em sinal de aceitação dum desafio?

Era a época dos duelos em que os homens preferiam a morte á cobardia e que não havia luva que fôsse atirada que não fôsse logo levantada na ponta duma espada. E apesar de profundamente crentes e cristãos não hesitavam em infringir os mandamentos da Lei de Deus, matando, para desafrontar a sua honra.

Épocas em que a honra dum homem era considerada e valia mais que o dinheiro e que a vida humana, épocas em que o materialismo não invadira a sociedade e a alma humana, e, em que acima do dinheiro é do materialismo, havia qualquer coisa de superior e de ideal.

Os próprios espadachins de profissão, creaturas um pouco desclassificadas, tinham o seu código de honra, a que não faltavam por coisa nenhuma, preferindo ser mortos e faltar á sua palavra e a não desagravar uma ofensa á sua espada.

Pouco a pouco as luvas passaram dos campos de batalha e das rixas de espadachins, para os salões e começaram a aparecer as luxuosas luvas bordadas nos punhos, recamadas de pedras preciosas e de pérolas, luvas que vestiam mãos de reis e de rainhas, de fidalgos e de damas, luvas que se apertavam num roçar de dedos duma dansa.

Luvas dadas como testemunho de amor ou roubadas como recordação, e, que foram encontradas no peito dos valentes que caíam nos campos de batalha, penhor de amor, e «talisman» muitas vezes inútil.

Essas luvas que eram um objecto de supremo luxo só usadas por gente de algo, foram objecto de muitos requebros, inspiráram muita poesia e deram origem a muitas lendas. Uma das mais belas é a da princesa que enlevada no amor de Deus, queria recolher a um convento, a sua beleza era linda, mas sobretudo residia nas suas mãos umas mãos de talhe ideal, de dedos longos e afinados terminados, por unhas roseas corpo de coral, a pele branca e macia, cada dedo era acentuado por uma graciosa covinha.

Um príncipe viu estas mãos apaixonou-se por elas e pediu-a em casamento. Herdeiro dum grande reino, conquistou logo o rei pai da princesa, que a obrigou a casar com o príncipe.

Ela que se oferecera a Deus foi para o casamento como o condenado para a fôrca. E como eram as suas mãos o que mais encantava o príncipe, na sua pessoa, eram elas as causadoras da traição á sua vocação, resolveu calçar luvas e nunca as descalçar.

Não houve rogos que a resolvessem e quando depois de casada o marido a quiz obrigar a tirar as luvas e lhas queria arrancar as suas mãos sangravam. Ele suspendia a violencia e o sangue parava; assim a princesa nunca descalçou as luvas que nunca se romperam, e, as suas mãos, a sua maior beleza, nunca mais foram vistas por olhos humanos. Foram só para Deus, como ela o queria ser.

Essa encantadora lenda é uma das mais lindas, na história das luvas, em geral, muito mundana e cheia de episódios romanescos.

Depois começaram as luvas a ser consideradas como intermediárias de negócios e quando se queria recompensar algum serviço, oferecia se uma caixa de luvas onde se incluía em moedas de oiro, o preço que o serviço valia. De aí veio a frase, dar luvas e receber luvas, que tanto se ouve, quando se trata do pagamento dum serviço ou da recepção muitas vezes dum dinheiro indevido.

Hoje como tudo, as luvas estão democratisadas e todos usam luvas, principalmente no inverno, quando faz muito frio e as mãos se enregelam, essas quentes luvas de lã feitas ao «tricot», luvas que defendem as mãos dos trabalhadores e daqueles que em enregeladas manhãs ou noites, têm oficios que os obrigam a andar na rua.

Mas há luvas, e luvas e certos exemplares são ainda um sinal de elegância. Um belo par de luvas de pele de cavalo apertadas na mão forte dum homem bem posto, são ainda hoje, um sinal de elegância.

As luvas de pelica branca, usadas com a casaca, são ainda hoje, um sinal de grande distinção e de festa de cerimonia.

Na mulher, a luva é duma elegância requintada e na verdade uma pequenina e elegante mão, bem enluvada, tem sempre um grande atractivo.

A luva feminina tem actualmente uma grande variedade e há luvas para todas as horas, luvas de todos os materiais, de todos os feitios e para todos os efeitos. Na mão nervosa e forte da mulher desportiva, vêmos as luvas de pele de cavalo, pespontadas, que egualam as luvas que os homens usam e se distinguem apenas pelo tamanho.

No inverno quando faz frio, as friorentas escondem as suas mãozinhas em luvas forradas de pele, com guarnições da mesma pele, que lhes dão um aspecto de grande confôrto.

Há luvas altas para a noite, luvas de canhão para «toilette» e luvas curtas para a simplicidade dum autentico «tailleur»; usam-se luvas brancas, pretas e de todas as côres, em todos os tecidos.

Luvas de pelica, de camurça, de «suéde», de veludo, de renda, de «lame», de malha, de tudo o que é rico e de tudo o que é belo.

Esta primavera trouxe-nos a profusão das côres nas luvas; há-as azuis, verdes, encarnadas, roxas e «bordeaux». As mãos ostentam hoje todas as côres, as mais inesperadas.

Mas o que é necessário é saber usar essas fantasias, que com abuso fazem perder à mulher essa distinção elegante, que a torna notada, por aqueles que consideram o saber vestir como uma arte que é, e, uma requintada arte de elegância e beleza. É preciso que haja numa «toilete», sobriedade e contrastes.

Um vestido escuro com umas luvas berrantes, verdes ou azuis, da côr da guarnição do chapeu, do cinto, ou da graciosa, «écharpe» que se enrola ao pescoço é dum elegantissimo efeito.

Uma «toilette» toda na mesma côr luvas e sapatos, quando essa côr é uma côr forte, perde muito a sua distinção e toma um aspecto de aberta «coqueterie» que não dá o mesmo efeito, dessa verdadeira elegância, que dá o contraste, que representa talvez um muito maior estudo, embora o não aparente.

E a verdade é que nós julgamos muito pelas aparências.

Luvas altas em veludo preto são de grande elegância com um vestido de baile, branco. Contraste, sempre esse contraste que a mulher aprecía em tudo, nas côres, na sua maneira de ser, a mulher é toda feita de contrastes, até nos seus mais íntimos sentimentos.

A mulher bem mulher abriga na sua alma feminina um anjo de imaculadas asas, e, um preverso diabinho vermelho que faz negaças e ri de tudo.

Livremo-nos do diabinho e deixemos expandir o anjo.

E na elegância das luvas escolhâmos a mais discreta, que será sempre a mais bela, e para não faltar á nossa promessa deixemos sangrar as nossas mãos, mas não arranquemos as luvas; sejâmos como a formosa princesa da lenda bretã.

MARIA DE EÇA.

INICIATIVAS EM ÁFRICA

A ponte sôbre o rio M'tabuade na Zambézia

Engenheiro Henrique Araujo

QUEM nunca visitou os nossos domínios africanos, tem a impressão de que essas paragens são hostis à vida humana e que o sol, transformado em fornalha, torra em poucos instantes o confiado europeu que se aventure a enfrentá-lo.

Fala-se, a cada passo, nos vastos areais marroquinos em que se morre de sêde, devendo considerar-se um herói todo aquêle que consiga transpô-los com uma réstea de vida agarrada à carcassa depauperada por mil e uma privações.

Essas histórias, divulgadas pelos franceses, a-fim-de valorizarem a sua conquista de Argel, não têm hoje a menor razão de existir.

Quanto a nós, portugueses, os primeiros que penetramos no coração das Áfricas, motivos mais fortes nos assistiriam para exaltar o nosso esforço, visto termos ido mais longe, incomparavelmente muito mais longe.

No entanto, arrostamos com tôdas as dificuldades, transpusemos todos os obstáculos, domamos as rebeldias do próprio clima, e transformámos os nossos domínios africanos em regiões habitáveis, confortáveis e salubres.

Atendendo à enorme extensão dêsses territórios adustos, lutava-se com a falta de vias de comunicação, mas a isso mesmo se deu remédio.

Referimo-nos hoje à importante ponte, com 92 metros de comprimento e 8 de altura, inaugurada há um ano — fê-lo agora em 26 de Junho — sôbre o rio M'tabuade, na província da Zambézia, em Moçambique.

Desde há muito que se notava a sua falta, visto ser necessário favorecer a linha de camionagem de Mocuba ao Gurué, linha de grande movimento por causa das plantações e fábricas de chá existentes naquela região.

Em boa verdade, esta ponte honra o autor do projecto e dirigente da construção, Engenheiro Henrique Araújo, que, não só nesta província, como nos antigos destritos de Cabo Delgado, Moçambique e Niassa, tem deixado assinalada a sua passagem por muitos outros importantes trabalhos.

Vem a propósito dizer que ao Director dos Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes daquela Colónia, Engenheiro Francisco Pinto Teixeira, se deve a iniciativa da construção, custeando-a pelos fumdos daquêles serviços.

Salientaremos também que muito se deve ao Governador da Província da Zambézia, capitão José Júlio Botelho de Castro e Silva, pois que tomou o mais desvelado interêsse pela mesma obra e para ela deu muitas e valiosas facilidades.

A obra lá está realizada com tôdas as suas inúmeras vantagens.

Entretanto, o Engenheiro Henrique Araújo prossegue afanosamente nos seus trabalhos de projectos de pontes que constituem factores poderosíssimos para a prosperidade da Província.

Um dia, quando êsses trabalhos estiverem concluídos, o público há-de bendizer, recordando, como agora recorda ao atravessar a ponte do rio M'tabuade, o nome do Engenheiro Henrique Araújo como o de um benfeitor das selvas.

Em tão férteis regiões impunha-se a iniciativa civilizadora de alguém que fizesse desaparecer os obstáculos duma época primitiva.

Os grandes problemas de urbanização, de vias de comunicação e transportes não dizem respeito às grandes capitais europeias ou americanas.

Nessas paragens sertanejas que a rotina, na sua clássica ignorância, continúa a considerar inóspitas, é que se torna absolutamente necessário criar todos os melhoramentos.

Se às grandes reservas de oiro se dá o luxo de cofres fortes com todos os aperfeiçoamento modernos que custam verdadeiras fortunas, não será demasiado dar tôdas as vantagens, confortos e comodidades à terra abençoada de cujo seio fecundo brota o oiro e mil outros productos que não têm menos valor.

Portugal, despertando do seu torpor centenário, não se contenta com a glória de ter sido o berço dos

varões assinalados
Que da occidental praia lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além Taprobana.

Como legítimo possuidor dos seus domínios, quere engrandecê-los, torná-los, prósperos e modelares aos olhos dêsse mundo invejoso de hoje, do qual, há cinco séculos, não havia a mais ligeira notícia.

Se noutras eras, foi desperdiçado o oiro que as nossas possessões ultramarinas despejavam, dia a dia, na praia do Restêlo como um desmentido ao péssimismo do velho irritado contra «a glória de mandar, a vã cobiça», o Portugal de hoje saberá aproveitar o seu oiro no justo engrandecimento de tudo o que é português.

SÉRGIO DE MONTEMÓR

A ponte sôbre o rio M'tabuade

O rei Gustavo da Suécia, tenista exímio

Não há recanto do país onde os nomes dos políticos em evidência, dos homens do dia, não tenham chegado e onde êles não sejam conhecidos.

O guarda chuva do sr. Neville Chamberlain, o bigode do sr. Adolfo Hitler, o riso franco do sr. Franklin Roosevelt, as atitudes pretensamente marciais do sr. Benito Mussolini, o rôsto grave e sereno do sr. Eduardo Daladier, e outros e tantos — são de sobejo conhecidos, fazem parte do *habitat* da população.

«Vens *inchado*, pareces Mussolini»; «olha aquele com guarda-chuva neste tempo, é mesmo o inglês», são frazes que quotidianamente se ouvem pronunciar, até pelo garotelho que, mal sabendo soletrar ainda as palavras, já àvidamente procura nos jornais e nas revistas as figuras que se lhe tornam familiares. À noite, vai ouvir pela rádio — êsse invento maravilhoso tão largamente espalhado — as notícias que ás personagens, já suas conhecidas, dizem respeito.

E muito numerosas essas notícias são. Os grandes acontecimentos que revolucionam a Europa sucedem-se ininterruptamente e os nomes das vedetas da política internacional, sempre na balha, são repetidos todos os dias com uma insistência tal que não se apagam mais da mente. À memória visual juntou-se a auditiva.

Agora ouvem-se falar uns e outros em discursos retumbantes ou em ameaças de subverter céus e terra, logo, os jornais mostram-nos sorridentes, gozando beatificamente o seu fim de semana, para, daí a pouco, se verem rodeados de grande aparato bélico, o que não quere dizer que, minutos passados, se não façam fotografar em recepção amistosa áqueles próprios com quem momentos antes pareciam ir já cortar relações, ou mesmo entrar em guerra.

Quási nos chegamos a convencer de que sejam homens diferentes do comum dos mortais, homens superiores, isentos dos defeitos e fraquezas inerentes ao sêr humano.

Mas não o são. Cada um tem o seu sinal particular, a sua marca; todos êles possuem um passatempo para as horas vagas; cada qual tem uma distracção particular e querida — a *business*, na palavra inglesa.

Quem há que não tenha ouvido falar da colecção de sêlos postais do defunto rei Jorge V, valiosíssima porque é das mais completas do Mundo, ou da paixão acrisolada do rei Ghazi do Iraque pelos automóveis e pela vertigem da velocidade, que conduziu êste soberano, ainda há bem pouco tempo, a uma morte inglória na flôr da vida? Ou quem não conhece o amor que o Rei Soldado devotava ao alpinismo, tão grande que a morte escolheu uma das freqüentes ascensões do valente soberano belga para consigo o levar?

Mas deixemos o mundo dos Mortos, e olhemos para os viventes.

Não há um único estadista, um só governante, ao qual se não possa apontar qualquer distracção que nas horas vagas lhe é particularmente querida.

Vejamos as de alguns e comecemos pelo Novo Mundo.

O presidente Roosevelt, além de bom dono de casa, pois durante a sua permanência em White-Hall tem introduzido grandes transformações e melhoramentos no palácio que serve de residência ao primeiro magistrado da grande república *yankee*, é um apaixonado pela pesca à linha, em veloz canôa automóvel.

É um desporto que considera muito agradável e lhe proporciona o ensejo de engendrar numerosas histórias anedóticas.

O tempo que não dedica á pesca, é na filatélia que o consome, sendo possuídor de uma das melhores colecções de sêlos da América.

Guitarrista exímio — até parece português — o presidente Cardenas, do México, delicía freqüentemente os seus convidados com algumas das quentes canções da sua terra, enquanto o seu colega brasileiro, o conhecido dr. Getúlio Vargas, muito burguezmente vai cavando o jardim da residência.

Outrossim, educa as filhas como se homens fôssem, e ainda a quando da última intentona integralista se viu senhorinha Alzira Vargas, de pistola em punho, batendo-se valentemente ao lado do Pai, na varanda do palácio presidencial.

No Extremo Oriente Europeu, no Kremlin, que durante séculos os Romanov habitaram, vive um outro tzar que se chamou José Djougachvili, nome que por não ser desconhecido das polícias de diferentes países, êle preferiu mudar para Staline — «homem de ferro» significa esta palavra em língua russa.

É muito grato a Staline passar as tardes numa vivenda dos arredores de Moscovo, guardada como uma fortaleza, jogando, o xadrez com alguns dos amigos do dia. Sua mãe — é sintomático para uma doutrina que quere abolir os laços familiares — encontra-se sempre junto dêle.

O sr. José Beck, o inteligente ministro dos estrangeiros polonês, tem algo de gastrónomo: é êle que escolhe sempre as ementas das suas refeições. Além disso, gosta de fumar do melhor e mais aromatizado tabaco e de mudar diáriamente de gravata — razão porque possue nada menos de trezentas e sessenta e cinco, tantas quantos os dias do ano.

E, acrescentam os que conhecem o guarda-roupa ministerial, tôdas elas nos seus padrões revelam o gôsto apurado do ilustre político.

Olhando para os nossos vizinhos espanhois, vemos o general Francisco Franco, um dos mais falados e discutidos homens da actualidade, aproveitar os poucos ócios que a dupla função militar e política lhe deixa, para, ao fim do dia, chegar a casa, calçar umas pantufas, vestir um fato caseiro, e ficar tôda a noite cavaqueando amistosamente com a esposa e contando histórias á sua adorada Carmencita, filha dilecta e insinuante do caudilho espanhol.

Gosta também de ordenar a magnifica colecção de armas, muitas das quais trazidas das campanhas no Marrocos Espanhol.

Mussolini correndo à frente do regimento de «bersaglieri»

ÊLES TAMBÉM SE DIVERTEM...

Como os estadistas gastam os seus ócios

O sr. Albert Lebrun, que há três meses apenas foi reeleito por outro septénio para a Presidência da República Francesa, gosta imenso de passar o dia no campo, divertindo os nétinhos e construíndo-lhes brinquedos, única coisa em que emprega a sua actividade de engenheiro.

Em Buckingam Palace, aprecia-se em extremo o bridge, antiquíssimo jôgo inglês, em que o rei Jorge VI se mostra emérito. É, de facto, um dos melhores jogadores de bridge da Grã-Bretanha.

O seu colega italiano, o decano dos soberanos reinantes, aproveita os longos ócios, que o seu presidente do Conselho lhe concede, na numismática. A colecção de moedas de Victor Manuel III é preciosa e, ao menos neste capitulo, a sua autoridade é acatada.

Leopoldo III da Bélgica é, como seu Pai o foi, um desportista distinto.

Tôdas as manhãs pratica vários e complicados exercícios físicos que um soldados americano lhe ensinou durante a Grande Guerra. As ascensões não tem já segredos para êle e os seus esbôços a carvão demonstram uma certa habilidade para a pintura e denotam um fino espírito de observação.

O rei Carol da Roménia possue um grande espírito mercantil.

Os seus lazeres são empregados na gerência cuidadosa dum estabelecimento de venda de vinhos e queijos produzidos nas propriedades realengas, estabelecimento que é situado a alguns passos apenas do palácio de Bucarest.

Como os vinhos são muito procurados, o negócio prospera a olhos vistos...

Idêntico pensar tem o pequeno Pedro da Jugoslávia, filho do desditoso rei Alexandre, há anos assassinado em Marselha, que se vai entretendo, enquanto o regente Paulo lhe não entrega o poder, em fabricar objectos de madeira que depois revende aos seus companheiros de brinquedos.

Pretende com a soma que assim junte comprar uma avioneta, pois tem uma verdadeira loucura pelos desportos aéreos.

Lá no Extremo Oriente, o imperador Hirohito, o único japonês que pode usar os crisântemos, a flor sagrada da família reinante, procura estabelecer as leis sôbre a hereditariedade em complicado laboratório que se instalou no palácio de Tóquio onde habitualmente reside.

Os oitenta e tal anos do rei Gustavo V da Suécia, não impedem que êle seja o primeiro atirador do reino, assim como não obstam a que nas suas mãos a *raquette* obre maravilhas e que se consiga bater com os campeões de tènis da Europa.

O seu vizinho e amigo, o chefe da Noruega, Aakon de nome, êsse é um estudioso da geografia, agradando-lhe imenso, como ao nosso rei D. Carlos e ao falecido príncipe de Mónaco, as explorações oceanográficas.

Estranho divertimento é o do rei Bóris da Bulgária que, cada vez que viaja, conduz êle próprio a locomotiva do comboio real. Conversa também amiúdadas vezes com os camponeses e visita-lhes as quintas com interêsse e carinho.

O soberano grego, como os seus ilustres antepassados da velha Grécia, essa Grécia insuperável de há vinte e cinco séculos, é um apaixonado das letras.

Lê imenso, sem descanso, notando-se-lhe preferência pelas obras que digam respeito a questões militares.

A única soberana reinante, a raínha Guilhermina da Holanda, é pintora exímia e transporta-se, como é vulgar no seu país, em bicicleta. As suas telas fôram expostas em 1932, merecendo encómios dos críticos estrangeiros e de renome que visitaram tal exposição.

Também ambos os parceiros do *Pacto de Aço* têm as suas predilecções.

Adolfo Hitler teve, desde menino, a mania da pintura.

Já aos dez anos era castigado por cobrir de cruzes suásticas as paredes da escola que freqüentava.

É, porém, um pintor de fracas qualidades. No entanto as suas aguarelas chegam a atingir, em Berlim, claro está, o elevado preço de cento e cinqüenta contos.

Também faz as maquetas dos monumentos de que está semeando a capital do Reich, e aos quais, se bem que pesados, não falta uma certa grandiosidade.

Diz-se que presentemente e muito em segrêdo se dedica à equitação, para que possa aparecer em paradas e festas altivamente montado, à semelhança do seu colega italiano e amigo, Mussolini, com quem quere competir.

O Duce gosta, na verdade, dos desportos violentos: andar de moto, nadar, fazer equitação, remar, pilotar o seu trimotor «Savoia».

O ministro dos Estrangeiros, o conde Ciano, segue as pisadas do sôgro, e muitos dos seus ócios fôram ocupados em conquistar o coração da filha de Mussolini que, com o casamento, lhe trouxe a óptima situação de que hoje disfruta.

Daladier, quando as suas preocupações lho permitem, gosta imenso de se transportar ao ministério da Guerra e daqui á sua residência pedalando, como qualquer outro cidadão, pelos *boulevards* parisienses e fumando simultâneamente um cigarro de marca.

Neville Chamberlain é raro dispensar o *week-end*, em que vai para o campo pescar à linha, não lhe faltando a companhia do inseparável tabaco. E diz-se até que as suas maiores dissensões com Hitler são as provocadas pelo péssimo hábito de êste praticar os seus grandes golpes ao sábado, o que acarreta a interrupção do fim de semana ao primeiro ministro de Sua Majestade Britânica.

O ex-Kaiser Guilherme II

Aprecia também e muito, o sr. Chamberlain, o *whisky*, e interessa-se sôbremodo pelas aves. É do domínio público que há tempos escreveu uma carta ao *Daily Telegraph* para informar êste jornal que da sua janela de Dowing Street ouvira cantar um tordo nas árvores frondiosas de Hyde Park.

Por último, dos soberanos exilados, o rei Zogu é um fumador impenitente e um dançarino apreciado; Afonso XIII passa todos os dias algumas horas jogando o bilhar, em que mostra notável destresa; o ex-kaiser dedica-se aos estudos de arqueologia e a deitar abaixo e a cortar as árvores que rodeiam a sua residência de Doorn; o duque de Windsor, ex-rei Eduardo VIII de Inglaterra, viajante incansável, é cineasta nas viagens e jardineiro quando permanece em alguma das suas propriedades.

E aí ficam, leitor, a traços largos, algumas das distracções dos homens políticos da actualidade.

E, em boa verdade, assim teria de sser porque a vida são dois dias, e isto, mo dizer dum grande pacificador, não deve ir a matar.

Portanto, um bocadinho de tudo... ppara quebrar a monotonia.

GASPAR DA CRUZ FILIPE.

O Presidente Roosevelt no seu desporto favorito

TAÇA DE PORTUGAL

Associação Académica de Coimbra, 4
Sport Lisboa e Benfica, 3

Em cima, à esquerda: Equipa da Associação Académica vencedora da «Taça de Portugal». — *À direita:* O sr. ministro da Educação Nacional entrega aos académicos as medalhas comemorativas da «final». — *Ao centro, à esquerda:* Martins, guarda-redes do Benfica, defende a sôco auxiliado por Francisco Ferreira. — *À direita:* As duas equipas saudam as entidades oficiais. — *Em baixo, à esquerda:* O presidente do Benfica entrega ao representante da Académica uma lembrança do desafio. — *À esquerda:* A equipa do Benfica

A ARTE DE SER HOMEM

TENHO pensado muito naquela frase que me disseste outro dia, sabes? Lembras-te quando eu te disse: «Adeus, meu menino»? Tu respondeste-me, todo empertigado: «Menino não. Já sou um homem... ou quasi».

Isto porque fizeste o mez passado quinze anos.

Como ainda tiveste a prudência de te lembrar do «quasi», reconheces enfim, que se não querias que te considerassem já uma criança, também ainda não eras um homem, vou dizer-te algumas coisas a tal respeito.

És um rapaz inteligente, filho de gente humilde mas honesta. O exemplo de teus pais podia ser suficiente para te dirigir na vida, para livrar-te das más sugestões e de outros exemplos menos dignos de serem seguidos, mas o que é bom nunca é de mais, e para guardarmos alguma coisa da lembrança dos modelos a imitar e dos conselhos salutares, é preciso que êles sejam em grande quantidade, porque pelo caminho sempre se perdem alguns, sacudidos como somos pelo vendaval da vida.

Por isso, que teus pais não me levem a mal que eu venha meter-me nas suas atribuições de teus guias naturais.

E, depois, talvez que o que vou dizer-te aproveite a outros menos afortunados do que tu, que não tiveram pais como os teus ou que já os não têm, e andam na vida como destroços balouçados por correntes diversas, sem ninguém de alma sã que os ponha na bôa rota.

-•-

Tu pensas, como muita gente, que ser homem é usar calças e estar inscrito no registo civil como individuo do sexo masculino.

Sim, isto é ser homem, mas apenas como classificação zoológica: mamífero macho.

Mas isto não basta, meu rapaz, para ocupares o teu lugar na sociedade, como homem que a essa sociedade ilustrasse e honrasse, em vez de envergonhá-la, como acontece com alguns exemplares da espécie.

Ser homem é uma arte dificil, na qual, infelizmente para os povos nem todos se distinguem.

E uma arte, meu amiguinho, que não depende da habilidade manual.

É tôda feita dos recursos do espírito, uma arte que é tôda alma, tôda sensibilidade.

E tudo isso se pode resumir numa palavra que é a sintese de todos os componentes do cadinho de onde sae integralmente o homem perfeito. E essa palavra, que deve ser o «leit-motiv» de tôdas as combinações entre os homens, chama-se — caracter.

Sem caracter, não é possivel ser homem. Caracter quer dizer honra, lealdade, vergonha.

Quem tem vergonha não comete acções indignas, quem tem honra nunca falta á sua palavra e quem é leal nunca é ingrato.

Assim dito, há-de parecer-te facil vires a ser um homem.

Mas não é facil, não imagines tal. Há muitos empecilhos que detêm uma pessoa na sua marcha para o bem, e há chamarizes sedutores, que encobrem muita maldade, que nos desviam da verdadeira meta.

Portanto, é necessário uma grande força de vontade, sem esquecer uma parte importante — a tendência própria para o bem ou para o mal.

Se fôres forte de espírito, se souberes querer e fôres inteligente — e isso és tu — para resistir aos apelos perniciosos e para saber escolher o que te convém, o teu caminho será o de um homem, na plenitude de todos os seus atributos morais.

Se fraquejares, és um homem falhado. Ficas a tal espécie zoológica, e mais nada.

Há homens que pensam que só devem ser honestos e leais com os do seu sexo — de homem para homem.

Quero pôr-te em guarda contra esta má compreensão do carácter masculino.

É justamente com as mulheres que o homem precisa de tôdas as suas qualidades de alma.

Nunca abuzes da confiança e da credulidade duma mulher.

Nunca vivas encostado á sua sensibilidade, explorando-a nos seus meios pecuniários.

O homem que é mantido por uma mulher é a escória do seu sexo.

Só se admite que a mulher ajude o homem que é seu marido, sem desdouro para êste, se êle foi para ela um amparo que só a fatalidade inutilizou.

Se um dia, por infelicidade tua, tiveres que recorrer á bolsa duma mulher, aceita isso como um empréstimo — e paga, paga essa divida, antes de tôdas as mais que tiveres.

E nunca sejas ingrato. A ingratidão é uma arma terrivel. A sua ferida é mais profunda do que as feridas do amor.

A-pesar das tuas fanfarronices de criança, tu não sabes nada destas coisas.

Mas eu sei, por meu mal, sei até bem de mais.

Já tive desgostos de amor, que depressa passaram.

Duma ingratidão estou sofrendo a chaga, que nunca fechará. A um homem, a quem nada devia, dei a minha assistência moral e material, numa hora má, com grande sacrificio dos meus parcos haveres.

Julgei-o honesto, senti pelo seu infortúnio uma compaixão infinita, e fiz-lhe o que só uma mãe faria.

Logo que se empregou, êsse homem nunca mais me apareceu e nem obrigado me disse pela minha assistência constante e amiga.

Uma ingratidão destas é rara, mas a ingratidão é sempre um mau sentimento, por mínima que seja. É por assim dizer, a pedra de toque da sensibilidade humana.

E, agora, não te gabes mais de que já és um homem, ouviste?

MERCEDES BLASCO.

Napoleão I, Imperador da França

Letácia Ramolino, mãe de Napoleão

O suave perfume e os espinhos da grandeza

MATTEA passava por ser uma das mais formosas raparigas de tôda a Toscana. Porém, aos olhos do jóvem dragão francês que de longe estivera admirando, como conhecedor e apreciador que era, o seu belo rosto de traços de Madona, os seus bastos e sedosos cabelos penteados em bandós e o seu corpo de linhas perfeitíssimas, ela pareceu a mais formosa rapariga, não só da Toscana, não só de Itália, mas de todo o Mundo!

O garboso dragão, como todo o bom soldado, principiou por falar-lhe na sua admiração pelo Imperador, êsse semideus cujo ceptro tinha, como as varinhas de condão das fadas, o poder de transformar soldados em marechais e aldeãs em duquesas. Falou-lhe na sua admiração pela Imperatriz, essa grande *charmeuse* que tinha sempre um sorriso lindo para o soldado que lhe apresentava armas e com a mesma afabilidade acolhia no palácio tanto as antigas aristocratas parentes dos Bourbons, como as modernas, oriundas do povo. Finalmente, falou-lhe na sua admiração por ela...

Com que frases, protestos e miragens o dragão francês seduziu a camponesa florentina é que as memórias do tempo se esqueceram de nos informar. Informam-nos apenas, e aliás muito sucintamente, que Tomaso, voltando a si dos seus belicosos arrebatamentos, procurou a noiva, viu-a, com as faces ruborisadas e o seio arfando de emoção, languidamente apoiada no braço dum dos franceses.

Tomaso caiu das nuvens, mas, julgando, na sua simplicidade, que tudo aquilo não passava duma inocente *conversazione* dirigiu-se à pequena e, com um sorriso, ofereceu-lhe o seu braço.

Porém, Mattea (que já se via com um diadema de brilhantes e de plumas, arrastando a cauda dum vestido de côrte numa das grandes recepções das Tulherias imperiais, ao lado do seu dragão, promovido, pelo menos, a tenente) acolheu sem o menor prazer a chegada do sacristão.

Em vez de aceitar o braço que êste último lhe oferecia, continuou o seu passeio, mas, como êle insistisse, deteve-se, e, por cima do ombro, mais altiva e desdenhosa do que uma raínha, com tôda a crueldade inconsciente da mulher que não ama, correu-o nestes termos:

— Tomaso, o que anda você a fazer aqui no pátio? O seu lugar, sabe-o perfeitamente, não é aqui, mas na igreja, na horta, ou na cozinha.

Ande, deixe-me, e vá à sua vida. Olhe que são quási horas de ir tocar as Avè Marias!

Ao ver-se assim relegado com um traste inutil aos seus sinos, às suas panelas e à sua enxada, Tomaso sentiu o sangue subir-lhe à cabeça e, agarrando Mattea violentamente por um braço, puxou-a para si.

Mas o dragão correu em socôrro da sua amada e com um murro atirou Tomaso a uma dezena de passos.

O pobre sacristão foi cair no meio dum grupo de dragões que, divertidíssimos com a cêna, desataram ás gargalhadas. E, enquanto Tomaso se erguia todo dorido, êles, levantando-se dum salto, correram a cercá-lo numa roda, gritando-lhe entre risinhos de troça:

— Com que então, és tu que tocas aqui os sinos, meu idiota? Não tens vergonha! Tu um rapaz são e perfeito, estás aqui como um velho aleijado a fazeres de sineiro, em lugar de ires servir o Imperador! Talvez aspires a ser bedel? Grande honra, realmente, ser bedel nesta famosa aldeia!...

Não sejas tôlo, rapaz, vem connosco! Dar-te-emos um belo uniforme, um grande sabre e um lindo cavalo. Vem connosco!

Se é aquela pequena que aqui te retém, olha bem para ela — acrescentou um, apontando para Mattea que, continuava o idílio interrompido — abre os olhos! Ela não te quere para nada! De quem a pequena gosta é do camarada Le Parisien. Vê, lá lhe roubou êle um beijo!

Enquanto estas discussões se travavam, um dragão muito gordo, que já transpuzera a idade das loucuras amorosas, e a-quém a cavalgada despertara o apetite verdadeiramente pantagruélico, descobrira a galinhinha branca e, lembrando-se de que aquela ave assada, mesmo na ponta do sabre, seria um piteu famoso, desatara a persegui-la.

Bianca adivinhou imediatamente a intenção vilíssima que animava o dragão e procurou furtar-lhe as voltas.

— Mattea — gritou o cura Buonaparte que, atraído pelo borburinho, assomara à janela do seu quarto — volta já para tua casa!

Senhor dragão, por amor de Deus, deixe sossegada a pobre Bianca!

Mas nem Mattea, nem o dragão fizeram caso dos gritos do cura. Mattea continuou o seu idílio e o dragão a sua caça. Tomaso, completamente sugestionado, com uma mão já acariciava o pescoço dum cavalo e com a outra já afagava o punho dum sabre.

De subito, o dragão Le Parisien aproximou-se do seu cavalo. Selou-o e montou-o com uma rapidez admiravel. Depois, tomando nos braços a bela Mattea, colocou-a à garupa, sem que esta oferecesse a mínima resistência, e desapareceu com ela.

Precisamente nesse momento Bianca caía nas mãos do seu terrível perseguidor.

— Mattea! Mattea! — gritava o cura apertando as mãos na cabeça — Mattea! Mattea!

Senhor dragão não mate a minha Bianca!

Os gritos de desespêro do cura fôram ouvidos por Tomaso que, arrancando-se à contemplação dos cavalos e dos sabres, correu em socorro da galinhinha branca, já que não podia correr no encalço da noiva.

Acto contínuo, o cura desceu as escadas e foi ter ao salão com o general. O santo velho estava pálido e desfigurado.

Afinal — raciocinava — a chegada da fortuna e da grandeza só lhe trouxera inquietações e desgôstos.

Em geral, assim sucede na maioria dos casos. A grandeza é uma rosa, cujo perfume encanta, seduz e perturba. Mas tem os espinhos, como as demais rosas, espinhos que ferem as mãos e até, por vezes, laceram o coração.

O cura Buonaparte tivera num momento a percepção nítida de tôdas essas grandes verdades e, tanto assim é, que já um melancólico sorriso de renúncia se lhe espraiava nos lábios ao entrar no salão.

— O que tem, monsenhor, o que tem? — preguntou o general inquieto com a profunda alteração que notava no semblante do tio do imperador. Que desgosto o apoquenta?

— Monsenhor! Monsenhor! — repreendeu o cura, abanando a cabeça com um sorriso triste. — Não falemos nisso, general. Havia aqui uma rapariga honesta — acrescentou amargamente — e depois da vossa chegada ei-la di-soluta e perdida!...

— Dissoluta e perdida? — exclamou o general, verdadeiramente assombrado, pois não dera por nada que se passara no pátio. — Mas quem? Qual rapariga? Explique-se, por favor, senhor cura!

— Mattea, a minha afilhada seduzida por um dos seus dragões acaba de fugir com êle mesmo na minha presença — explicou o pobre cura, deixando-se caír na poltrona.

— Vou tratar imediatamente de saber quem foi o soldado que ousou cometer a traição de raptar a afilhada do tio do seu Imperador e, garanto-lhe sôbre a minha honra, senhor cura — afirmou o general, com a maior energia — que, uma vez capturado, será aqui mesmo fuzilado!

E, sem esperar a resposta do cura, abriu a janela e fez sinal ao *brigadier* que subisse.

— Nada de efusão de sangue! — suplicava o santo cura. — Nada de efusão de sangue, por amor de Deus, senhor general! O meu único desejo é que êsse homem, se é solteiro e um bom subdito, case com a minha afilhada e a faça feliz!

— E' o que vamos saber — respondeu o general, medindo a sala a passos largos. Se êle não é solteiro, isto é, se não pode reparar tudo com o casamento, vou mandar dar uma batida a todo vale e ao mesmo tempo aprontar o pelotão.

O pobre cura estava mais morto que vivo. Via já o pelotão formado no pátio do presbitério e o dragão de pé encostado à porta da igreja.

Ouvia já o oficial designado para comandar o pelotão pronunciar as fatais palavras: Carregar!... Apontar!... Fogo!...

Via já o infeliz dragão, crivado de balas, caír, ferido de morte, num charco de sangue.

Felizmente para todos, o incidente, que ameaçava acabar em tragédia, terminou em novela.

O dragão Le Parisien esclareceu ràpidamente o *brigadier*, de que além de ser solteiro, era um dos soldados que mais se haviam destinguido nas últimas campanhas. Em breve seria promovido e receberia a Legião de Honra.

O caso, por conseguinte, mostrava-se de solução fácil.

— Ha-de casar com ela — repetia o general. — Ha de casar com ela, Senhor Cura!

Um pouco mais sossegado a respeito da sorte de Mattea, o Reverendo Buonaparte corria o pátio com a vista á procura de Bianca. Quereria bem preguntar o que era feito da sua galinha, mas não se atrevia. A severidade do general que falara em mandar fuzilar o raptor de Mattea, retinha-o de boca calada. Não iria aquele moço implacável, aliás na intenção de desafrontar o tio do seu Imperador, ordenar que aprontassem o pelotão para o raptor de Bianca? Ora colocar a vida dum homem em perigo por causa dum animal, por muito querido que êste fôsse, era indiscutivelmente, um crime.

A porta do salão abriu-se e Tomaso deu entrada, trazendo ao colo a galinhinha. Bianca vinha como morta. Com um desvelo e uma delicadeza infinita, o sacristão abriu-lhe o biquinho e deitou-lhe na guela umas gotas de generoso vinho de Itália. Lentamente, Bianca, com a languidez e os requebros duma menina bonita, voltou a si do seu prolongado desmaio. Ergueu as palpebras azuladas, mostrando os olhinhos redondos. Estendeu as patas enteiriçadas. Levantou a crista e agitou as asas. Estava salva!

Tomaso aproveitou êsse instante para apresentar as suas despedidas.

— Senhor Cura, perdi Mattea, é certo, mas os franceses prometeram-me que, se eu quizer, serei um dia capitão, coronel, marechal, nem sei mais quê... Portanto, resolvi alistar-me. Quero ser dragão!

Mais um golpe para o velho cura! Não bastava Mattea tê-lo deixado! Agora era Tomaso que ia abandoná-lo! Que série de provações num só dia! E tudo resultante da chegada da Fortuna e da Grandeza!

— Agradeço muito ao Imperador, meu sobrinho — respondeu ao cabo de alguns instantes, voltando-se para o general — mas prefiro permanecer cura desta pobre aldeia onde, durante tantos anos, conheci a paz e a felicidade, a, como bispo, ou como cardial, lançar-me no agitado batel das grandezas!

Hesitei um momento e, vêja! — acrescentou tristemente — Deus castigou-me!

Diga a Letícia que espero que ela tenha conservado a consciência pura de quando era menina. Que abrace por mim o meu sobrinho Napoleãosinho. O Senhor os conserve nos seus tronos. São uns corações de ouro! Lembrarem-se, depois de tantos anos de separação, dum tio velho!

Não, não quero nem mitras episcopais, nem sotainas cardinalícias!

Vá-se embora, Senhor General, vá-se embora, e, se respeita a vontade do tio Imperador, não volte mais!

Debalde o general, a quem Napoleão ordenara terminantemente que conduzisse o cura Buonaparte para junto do papa em Roma, ou o trouxesse consigo para Paris, empregou os maiores esforços para o convencer.

Pediu, suplicou, ameaçou quási. Tudo foi inutil. O cura permaneceu inflexivel, e o general teve que se resignar a abandonar a aldeia.

E Mattea?

E Tomaso?

Mattea casou com o seu dragão e (mais um prodígio operado pelo ceptro dêsse grande mago que era o Imperador) decorridos poucos anos, achava-se mulher dum coronel.

Tomaso alistou-se e, de tal forma se distinguiu sob as bandeiras do Imperador, que á data da Restauração, era capitão da Guarda Imperial.

O cura Buonaparte morreu antes da derrocada de 1814, sem nunca se ter arrependido da sua resolução.

Ao menos acabou tranqüilo e não torturado e amargurado como Napoleão no rochedo de Santa Helena, como Letícia Ramolino no palácio Ranuccini e como o duque de Reichstadt na prisão dourada de Schoenbrunn.

EUNICE PAULA

Uma grande recepção nas Tulherias

A «Legião de Honra» do Primeiro Império

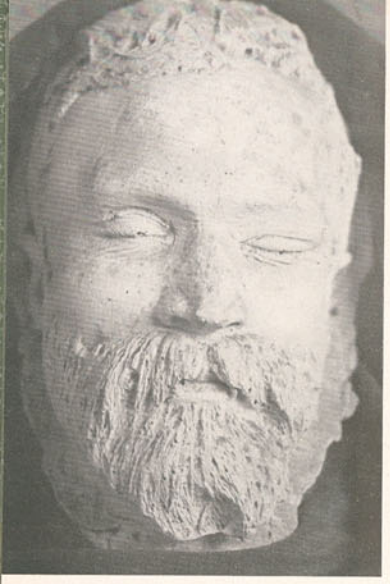
A VIAGEM PRESIDENCIAL ÀS COLÓNIAS

A multidão assistindo ao embarque do Chefe do Estado no Terreiro do Paço. — *Ao centro:* O sr. Presidente da República despedindo-se do sr. Presidente do Conselho

O sr. Presidente da República, com os srs. Presidente do Conselho e Ministro da Marinha, chegando à Praça do Comércio. — *A' direita:* O Chefe do Estado despedindo-se do sr. Cardial Patriarca. — *Ao centro:* A família do sr. Presidente da República no momento da partida. — *Em baixo:* O «Colonial», em frente ao Cais das Colunas, momentos antes da viagem presidencial

A entrada do Chefe do Estado, acompanhado pelo Govêrno, no Terreiro do Paço, dirigindo-se para o Cais das Colunas, a-fim de embarcar para a sua viagem ao Ultramar

O sr. dr. Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição do Mundo Português, despedindo-se do Chefe do Estado. — *A' direita:* Momentos antes do embarque. — *Em baixo:* Os alunos dos Pupilos do Exército e do Colégio Militar na guarda de honra ao Chefe do Estado por ocasião do seu embarque para a visita às nossas Colónias



Máscara mortuária de Soares dos Reis

Ultimos apontamentos sôbre Soares dos Reis

"Um desterrado que acabou em naufrago"

As provas do concurso para professor da Academia são sobejamente conhecidas e uma delas até foi bastante divulgada, com reproduções em gêsso que se topam em tôdas as oficinas dos artistas. O *Narciso* é uma prova mestra de executante, uma *academia* impecável, como convinha num exame de possibilidades práticas e técnicas; a *Morte de Adónis*, lição de composição e de interpretação em baixo-relevo, é considerada uma obra-prima. Dos seus relevos executados naquela mesma Escola para o concurso de pensionista, até êste, vai uma distância que noutros casos poderia ser dum século. E o busto do seu amigo *Marques de Oliveira*, professor que foi na mesma Escola, executado no mesmo ano como recordação daquela vitória, na sua simplicidade de forma, deve ser contado entre os melhores retratos do Mestre. O pintor retribuiu êste retrato com um do estatuário, existente agora no Museu do Pôrto; e dum outro em que Soares dos Reis figurava modelando a *Flor Agreste*, ignora-se o paradeiro, se a má sorte o não destruiu.

Soares dos Reis no leito mortuário — desenho de Almeida e Silva

Em 1881 marca-se um terceiro ponto importante na vida de Soares dos Reis, tendo sido o segundo no ano do seu regresso a Portugal. Pequenos foram estes *ciclos*, porque curta foi a existência do Mestre, e além disso, pelo génio, êle multiplicava o tempo indisciplinadamente.

Nestas alturas multiplicou-se-lhe o número de inimigos e de invejosos, mas também aumentou o rol dos seus admiradores. Seria injustiça esquecer meio cento de portugueses que se lhe ligaram pelo coração, pobres e abastados que se deslumbravam perante as suas vitórias, nesta terra triste de sete milhões de distraídos, dos quais se destacaram meio milhar de maraus e de curiosos que foram anos depois ao seu entêrro, fingindo os tratantes de dedicados, e inventando-se a mais ignominiosa versão em redor do seu suicídio, para se esconderem as versões únicas com que se poderiam acusar os criminosos.

A trágica farsa da vida e da morte dos grandes *desterrados* portugueses!... Esta não a perscrutou Unamuno quando quis analisar «un pueblo suicida!...»

Dêste ano em diante a emancipação do Artista começa de se acentuar, pouco a pouco, grão a grão, pertinazmente, mas com dificuldades — dificuldades do meio e dificuldades da educação, — até chegar ao «busto da inglesa Mistress Leech», modelado em Lisboa, onde esta senhora habitava e que nunca o reclamou por não se julgar parecida naquele formidável mármore, heráldico de porte e por assim dizer, simbólico, pois o Artista não só realizou uma obra prima, retratando-a com uma nobreza que lhe faltava — o modêlo tinha o pescoço curto, os ombros direitos e era mamalhuda, dizem, — mas também criou a mais heróica imagem da Inglaterra, egoísta, sonhadora, maravilhosa e impassível. Esta obra nunca foi igualada em valor por nenhuma outra portuguesa, e bem mais alto iria, se Soares dos Reis não andasse quando o executou, esbrazeado, quási delirante, numa grande agitação mental, com alternativas de forte depressão moral e física, que se adivinham no cinzelado da obra, e que haviam de o atirar a terra tão tràgicamente e tão depressa. Nesta obra executada em 1888, o Artista excedeu-se a si próprio, e criou a beleza aumentada do tipo duma imagem. Idealizou a realidade, purificando-a dos pecados vulgares. Deificou-a. Esta obra explica, em parte, o seu suicídio: — a vida era mais feia do que êle a via e queria.

Soares dos Reis foi um idealista com a alma prêsa à terra a querer voar para o infinito. A verdade assombrava-o, mas também o assustava. Sem grande cultura, foi um agitador de idéias, um propagandista das comoções. A Arte era a única arma que sabia manejar para essas revoluções. Com 35 anos de idade, em 1882, fez um «Projecto e um regulamento do ensino de escultura» na sua escola, que nenhum colega atingiu, e portanto, foi torpemente interpretada. Questionou com todos, ralhou-lhes, quis erguê-los até si, mas foi forçado a abandoná-los. Voltou-se para novos caminhos, servindo-se doutros meios. Sempre pronto a dar um conselho ou uma lição, exaltando-se com todos os assuntos artísticos, estudando planos de estudo activo e da máxima liberdade, sacrificando o tempo, os interêsses e a saúde, foi um verdadeiro apóstolo do Ideal. Iniciou a larguesa da atmosfera — ainda que deficiente sempre — em que os artistas hoje vivem, desbravou terreno para o futuro, criou escolas livres na sua própria casa e no Centro Artístico, fundou sociedades de bem profissional, abriu exposições, comprava e protegia os colegas e os discípulos mais pobres, entusiasmava-os com o seu exemplo de sacrifício e constância, procurava-lhes trabalho, tirava o pão da bôca para que não desanimassem à míngua dêle e quando lhe faltavam as fôrças físicas para os socorrer, mandava-lhes a coragem moral em pequenos obséquios que os estimulassem à luta, convencido duma igualdade que só na hora derradeira viu não existir. Foi um hiper-esteta que sossobrou por não poder realizar a forma com o sentimento na arte, talqualmente cómo na vida. Incompreendido, naufragou amargurado. António Arroyo disse que fôra êle «um *desterrado* que acabou em *naufrago*», referindo-se ao croquis duma estátua que levou no coração.

Homem do povo, idealista e generoso, era republicano sem ser político. Amando a liberdade — pois se êle era artísta acima de tudo! — penetrou no além a conquistá-la. Sim, sim! porque na terra, entre feras, ela não passa dum errado sonho!...

* * *

Os grandes artistas são, no geral, grandes egoístas. Vivendo intensamente para o seu sonho e para a realização da sua sorte, tornam-se indiferentes a tudo mais, desprezando até quanto em seu redor vive, goza ou sofre, em paralelo com a sua obra. Pelos próprios auxiliares têm descuidos que chegam à deshumanidade de os esquecer, quando não de os prejudicar. É tal o egoísmo em que se fecham, só absorvidos pelo ideal exclusivo, que quási não podem admirar o que é criado pelo génio e pelas mãos alheias. Raro é o artista que respeita o semelhante. Vão aos museus estudar, mas julgam sempre ir ali para constatar com as provas dos outros, a própria razão. São individualistas até à crueldade. Alguns há que se podem classificar de monstros deshumanos, pela indiferença que têm pelo mundo restante, ao ponto de o detestarem.

É esta uma das grandes causas da antipatia ou incompreensão estranhas em que os génios vivem, sendo até perseguidos, em natural reacção dos desprezados, com as mais inconscientes acusações.

Ora Soares dos Reis foi um grande, um enormíssimo artista, que fugindo à regra dos seus iguais em mérito, não era egoísta nem maldoso. Sofreu mesmo demais com a desgraça dos outros. Em seu benefício foi até ao sacrifício. Não tendo fortuna, não tendo razões para optimismos, tirava o pão da própria bôca para o oferecer, comprando trabalhos aos colegas, que admirava e considerava necessitados; protegia os mais novos e confortava os mais fracos; não tendo abundâncias de felicidade, consolava os que julgava mais infelizes que êle; e não querendo violentar os outros aos seus infortúnios, fugia-lhes muitas vezes, indo esconder para longes sítios a falta de coragem que lhe marcava a face, entristava os olhos e irritava os nervos.

No entanto, o bom, o generoso e indulgente, o amoroso e honrado, para não assistir mais tarde à desgraça que perseguia aqueles que consigo privavam e êle muito amava, por culpa da sua própria desgraça, foi num desvairo de fraqueza o maior egoísta de todos, dando um tiro nos miolos, sem prever o mal que com o seu mal causaria. O seu egoísmo de doente não soube remediar pelo amor, as culpas em que duas crianças e uma senhora inocentes caíram, chamuscadas pelo fumo dum revólver.

Soares dos Reis, contudo, como o bom Corot, que como êle começou na aprendizagem forçada do negócio para que não tinha qualquer vocação, foi um bom. Amar e ser grande era o seu fim. Conseguiu o, com a graça de Deus, mas quando julgou não poder com o pêso dêsse amor e dessa grandeza, teve um gesto de egoísmo — o único que se lhe conhece — e ensombrou a luz da bondade.

Diverso e por vezes disperso, Soares dos Reis nem sempre era um analista da sua obra. Agia por temperamento, por emoção, como um grande intuitivo cujas labaredas do génio tomavam as direcções caprichosas do vento que o destino escolhia. O seu talento, a sua sensação estética, expandiram-se até certa altura, numa inconsciente escravidão aos classicismos italianos. Honesto sempre, era como uma vaga, ora encapelada, ora mansa, umas vezes ameaçadora de altura e outras vezes humilde de doçura. Decorativo, hierático, minucioso no pormenorizar das formas, era bem um clássico por educação. No entanto, como era um sentimental, comovido e bondoso, o seu temperamento arrastava-o para o naturalismo, cujas primeiras provas havia dado com os bustos dos burgueses tripeiros e com a estátua assombrosa do Conde de Ferreira. Entre a forma e a expressão houve uma batalha. Conta António Arroyo, que «num dos acessos de irascibilidade que lhe eram habituais», se enfurecera um dia contra um crítico que invertera o título da estátua *O artista na infância*, chamando-lhe a *Infância da arte*. Não gostava de símbolos, de abstracionismos, de realizações subjectivas. O sentido das realidades levava-o a comover-se fortemente na contemplação do natural, sonhando com a produção da *arte viva*, humanizada, de intensa expressão real. E é assim que apoiado agora nos honorários certos do seu lugar de professor, os quais lhe garantiam o equilíbrio material da existência, cansado de transigências pequeninas com as sugestões alheias, como as dos medalhões decorativos para a escadaria da Bolsa, do Pôrto, representando o *Comércio* e a *Indústria*, modela o majestoso busto do *Corregedor Almada e Mendonça*, amplo de formas como um Vitélius, e admirável de verdade, que à entrada do Cemitério do Prado do Repouso lembra um forte e bonacheirão burguês a tomar sol à porta daquele Campo Santo.

Estátua de Afonso Henriques, por Soares dos Reis e que se encontra em Guimarães

Busto de Fontes Pereira de Melo — última obra de Soares dos Reis

A figurita frágil e enternecida do *Abandonado* é um ensaio, mas de plastização dum sentimento íntimo, que quis transfigurar no corpo duma criança com jeitos realistas. É de notar que, desde o «Desterrado» e através de vários esbocêtos e realizações mais desenvolvidas, o problema da sua alma desamparada e do seu espírito marcado de pessimismo, aparece com freqüência. Esta figurita é mais uma imagem do seu doentio desconsôlo. A obra máxima, porém, dêste ano de 1885, é o busto extraordinário de naturalismo, da *Viscondessa de Moser*, que em tôda a sua prodigiosa galeria de retratos, é talvez o mais fiel de transmissão, o mais impecável de verdade plástica, o mais vivo. Outros retratos que lhe seguem — o de *Hintze Ribeiro*, de *Correia de Barros* e o da formosa *Emília das Neves*, onde se adivinha já a altitude atingida depois com o busto de *Mrs. Leech* —, não ultrapassaram aquele na transfiguração dum corpo humano para um corpo eterno de arte pura.

O Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa, é o detentor desta obra-prima, a par da primeira e da penúltima obras dêste Mestre da escultura portuguesa do século XIX.

RÚI DE ARAGÃO.

ALTA noite, regressava êle a casa, pelas ruas desertas e escuras do seu bairro, tropeçou com um indivíduo de cara facinorosa. Apalpou-se em seguida. Faltava-lhe o relógio. Correu logo atrás do gatuno, agarrou-o, bateu-lhe — e assim recuperou o que o outro lhe roubara.

Chegado a casa — contou a proesa á mulher. Mas esta, com um gesto, mostrou-lhe o relógio de que êle se tinha esquecido sôbre a mesinha de cabeceira...

-•-

Numa exposição de pintura.

O comerciante para o amigo:

— Quanto custa êsse quadro?

— Não sei.

— Então para que estás tu a olhar para um quadro de que não sabes o preço?

-•-

O Pereira: — Porque está você na estação já tão cedo? Só tem combóio daqui a duas horas!

O Bastos: — É que, sabe você, nunca me posso lembrar de todas as cousas de que me esqueci, enquanto não chego á estação, por isso quero ter bastante tempo para voltar atrás a buscá-las.

-•-

— Muito bem. Muito bem. Teve muito bom gôsto. Veio mascarado de pachá.

— Qual pachá, minha senhora! Isto não é um turbante, é uma ligadura. Parti ontem a cabeça num passeio de automóvel...

-•-

Entre médicos:

— Êle morreu, mas só depois da pneumonia de que eu o curei.

— Antes assim! Ao menos morreu curado!

-•-

Uma senhora com sessenta anos magnificamente conservados, pregunta a um antigo conhecido.

— Como, meu caro amigo? Será possível? Realmente não me reconhece?

O amigo: — Desculpe, minha senhora, mas envelheci tanto nestes últimos tempos...

-•-

Entre namorados:

Êle: — Contei á minha irmã que tu tinhas o retrato e prometi-lhe que lhe darias um.

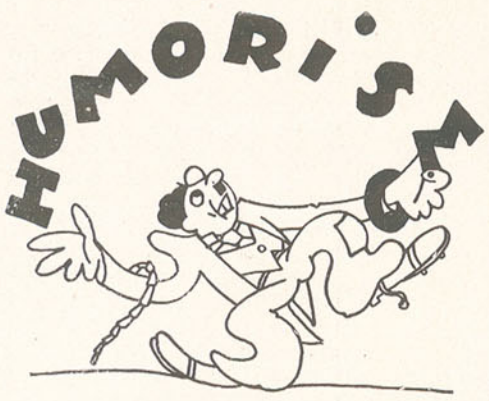
Ela: — Os meus retratos não saem de casa.

Êle: — É pena. Eu afiançara á minha irmã que ficaras agora muito mais bonita do que ha um ano.

Ela: — Também para que quero eu os retratos? Para os meter na gaveta? Já agora sempre mando um á tua irmã...

-•-

— O Júlio, quando dansava ontem comigo, disse-me que para êle era como



se tivesse o mundo inteiro nos braços...

— Maneira delicada de insinuar que estás uma bola.

-•-

— Por onde tens andado? Não te vejo desde o Carnaval?

— Estive na prisão, onde passei cinco dias divertidissimos.

— Na prisão?

— Sim. Saía eu dum baile, mascarado de penitenciário. A polícia tomou-me por um assassino que se evadira naquela noite. E eu, está claro, fiquei muito calado. Agora imagina tu a cara do director da prisão, quando, ao fim de cinco dias, deu pelo engano! Foi de morrer a rir!

-•-

— Uma novidade! O Aurélio, deixou de embriagar-se.

— Palavra?!

— Palavra de honra! Porque, quando estava embriagado, via duas sogras.

-•-

Em certa aldeia francesa morre uma velha solteirona que lega tôda a sua fortuna, 300.000 francos, ao abade da freguesia. Conhecido o testamento, certos parentes afastados da defunta intentam um processo para obter a sua anulação.

O abade nomeia, para defeza da causa, um notável advogado que ganha o processo, apresentando, em seguida, uma conta de honorários de 100.000 francos. O abade envia-lhe o dinheiro acompanhado de um cartão de visita com êstes dizeres:

«Ao meu co-herdeiro...»

-•-

A dona da casa:

— Olhe lá, ó Mariana, que vem cá fazer todos os dias aquele guarda republicano?

A criada:

— Ó minha senhora!... Vem ver se cumpro com as minhas obrigações.

-•-

— Que tem o teu marido? Ha muito tempo já que não o vejo!

— Está doente.

— Coitado! E é doença grave?

— Assim, assim: não poderá sair antes de dois anos e meio.

— Mas como sabes isso com tanta antecedência? Foi o médico quem o disse?

— Não... Foi o juiz.

-•-

— Maria! dê-me outra faca. A que pôz na meza está suja.

— Ora essa, minha senhora! Está até bem limpa... Ainda há bocado cortei o sabão com ela.

-•-

Desesperado pela traição da noiva, um judeu enamorado resolveu enforcar-se. Felizmente que o criado chegou a tempo de o salvar.

No fim do mês, ao fazer-lhe as contas, esclarece:

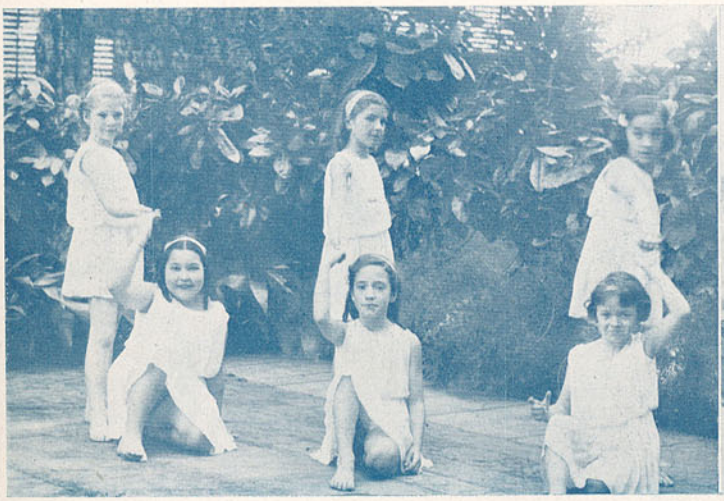
— Desconto-lhe no ordenado o preço da corda. Era uma corda nova, cujo nó poderia ter desfeito em vez de a cortar, inutilizando-a...

O transeunte: — Oh homenzinho porque é que você leva assim o braço no ar mais o seu companheiro?
O operário de trás para o da frente: — E' verdade, ó João, olha que agora é que eu reparo que «a gente» não leva nada ás costas!!

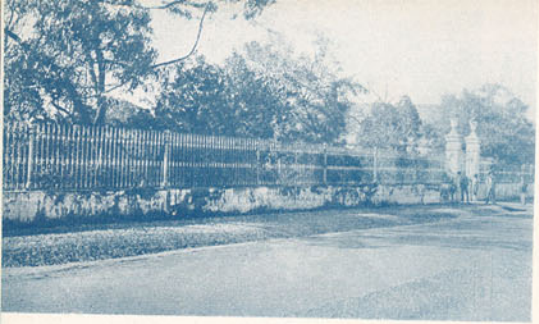
ACTUALIDADES DA QUINZENA

Sessão solene na carreira de tiro do Ateneu Comercial de Lisboa em homenagem à memória do dr. António Martins. A gravura acima mostra o filho mais novo do saüdoso homenageado lendo o seu discurso perante o sr. Ministro da Educação Nacional que presidiu à sessão. *A' direita:* — O descerramento da lápida

Na Trafaria, foi prestada homenagem ao presidente da Câmara de Almada, sendo, nessa altura, entregues mais quatro casas a pescadores pobres de Caparica. — As gravuras mostram a comissão com os pescadores a quem foram entregues as casas, e um trecho da assistência à festa



Encantador grupo de pequeninas bailarinas que se exibiu na festa «Duas horas de ritmo» na Estufa Fria do Parque Eduardo VII.
A' direita: — O chefe do Estado com o sr. Ministro da Educação Nacional, dr. Caeiro da Mata e várias entidades oficiais no Observatório Infante D. Luiz



Um dos mais aprazíveis passeios de Serpa

A VILA DE SERPA

II

Hoje, Domingo de Páscoa, acordei cêdo, e, apenas vestido, vim logo para o pequeno eirado da casa, abrigado pela muralha, enfeitado de rosas.

Para baixo, a rua dos Lagares alarga, e há um palacête com um pomar virente, onde as avesinhas gorgeiam o seu cântico da manhã.

Perto, as culturas começam; vêem-se os cimos de Guadalupe, e, declinando a norte, o campo vastíssimo, que, com a bruma, parece submerso, como que um grande lago oirescente, batido pelo sol que desponta.

Desço; e tomo, á esquerda, pela brecha da muralha, onde principia a rua Luís de Camões, já toda festivalmente tapetada de junco. Vai dar á Praça, onde estão os Paços do Concelho.

Mal aprecio os solares que formam o quadrilátero da Praça, porque a vista se me prende ás grades da Cadeia, onde os condenados assomam; tristes pensamentos me ocorrem, e mal distingo, na rua dos Fidalgos que conflui, a porta ogival da casa onde nasceu o Abade Correia da Serra, que teve de fugir de Portugal, para a Inquisição o não encerrar nos seus cárceres.

Há século e meio...

Trepo um escadório, que conduz a um Adro. Penetro na igreja, em que se preparam cerimónias religiosas.

E a vista, ainda perturbada, mal dá conta da arquitectura do Templo, primitivamente gótica. Ficará para outra vez...

— Como se chama? pergunto a um rapazinho, que brinca no portal.

— É a Igreja de Santa Maria.

Quero oferecer alguma coisa ao cicerone, mas êle recusa, observando:

— Dinheiro? Mas deixe lá: eu não preciso...

Este tem alma de verdadeiro alentejano!

A um dos lados do Adro, há uma *Torre do Relógio*, encantadora na sua vetustez de séculos, com a sua portinha de entrada, encimada por uma lápide — uma daquelas lápides de que o Conde de Ficalho procurava obter decalques, quando o surpreendeu a doença e a morte.

E de novo se me representa o escritor ilustre, arqueólogo por amor da sua terra, auscultando o coração do povoado, procurando no passado o latejar fremente da sua vida heróica.

Contemplo o Palácio, próximo; sinto o Conde subir os lanços da grande escadaria, pisar o vasto salão ladrilhado da biblioteca, onde vai escrever...

Mas em vão procuro, ao menos, num simples cunhal, algumas letras que, gratamente, memorem o seu nome!

Vou divagando, até que, às portas de Beja, o esplendoroso espectaculo da planura, batida agora em cheio pelo sol, inundada de luz, me arranca a penosas reflexões.

Volto a internar-me na vila. E paro em frente duma arruinada igreja — a da antiga Misericórdia — onde se instalou um *Teatro Tália*. Melhor seria assim, que deixá-la cair de todo...

Tem uma porta ogival, que se me afigurou preciosa. E, pegada, uma casa de janelas Renascença. Do outro lado, uma sacada, com varões de ferro do século XVII.

Decerto, que em Serpa, há edifícios com restos arquitectónicos que valeria a pena conservar...

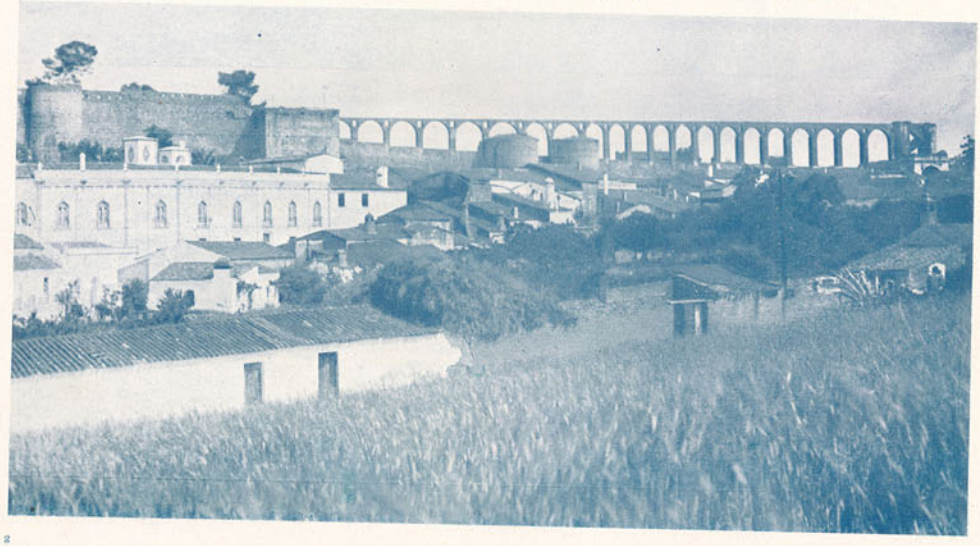
Subo, para nascente, uma das ruelas que vão bater no caminho de passagem, ao longo da muralha; e a curiosidade leva-me a percorrer outras — que são bastantes as que se parecem com as que no arrabalde ontem vi, com habitações de rés-do-chão, térreas ou pavimentadas a baldosa, iá gasta.

Quási tôdas, só com uma salinha á frente e uma alcova, alèm da cozinha! Raras as que têm, a mais, um portal, abrindo para um pateosito, adornado com vasos de flôres...

As parêdes são de adôbe, com ou sem fieiras de tijôlo

Mas tudo tão caiado!

Vista de parte das muralhas e do Aqueduto de Serpa



NO BAIXO ALENTEJO

Vista parcial de Serpa. Ao centro, a Torre de Menagem; á esquerda, a igreja de Santa Maria e a Torre do Relógio.

Ontem, sábado de Aleluia, vendo tantas mulheres a branquear as fachadas dos seus tugúrios, julguei que era um zelo excepcional — para receber, pascalmente, a visita do Senhor...

Dizem-me que não; que todas as semanas — porque não pode ser todos os dias — estas boas mulheres do povo se entregam a esta faina, com o mesmo frenezi com que as holandezas lavam, de contínuo, as casas, e fazem rebrilhar os metais.

Aqui anda ainda uma vestida de preto, e o lindo rôsto cingido no lenço de rebuço, empunhando a sua comprida cana entrapada e com o seu caldeiro de leite de cal, dando os ultimos retoques no beiral do telhado.

Vou andando, e volto à Cruz Nova.

A visão intérmina da paisagem traz-me sugestões longínquas da História.

Afonso Henriques, a chamado de Ahmed Ibn-Cassi, que se revoltára contra os Almorávides, corre os campos de Beja, entra em Serpa com o seu aliado, e, passando os váus do Guadiana, invade as terras de Mérida... Estamos em 1145.

A Ibn-Cassi já lhe pesa, porèm, o pedido que fizera ao Rei — ao Senhor de Coimbra, como seria designado — porque se sente subjugado pelo seu valor e império, e pensará talvez que melhor será perder batalhas com muçulmanos do que ganhá-las com portuguêses.

Dizem escritores árabes que o revoltoso wali se portava *como um servo que movia as suas pestanas pelas insinuações do outro* — o que significa claramente que mal se atrevia a levantar os olhos perante Afonso Henriques.

De grande desafôgo lhe foi, pois a, despedida, em que abundaram os bons presentes de armas e de cavalos à coorte de quem já temia por Conquistador.

Mas o Rei não esqueceria mais as traças que ia imaginando sôbre aquêle Alentejo sarraceno nem a fraqueza das muralhas de Serpa; e, vinte anos depois, havia de voltar, e nelas flutuaria, o seu balsão de guerra.

Perdida a povoação em 1242, não tardou o regresso ao domínio de Portugal, resgatada pelos esforços de D. Paio Peres Correia e de D. Sancho II, e desde então se conservou sempre nêle.

Conta a tradição que, antes, D. Afonso, II, o Gôrdo, travou aqui uma batalha com os moiros, junto ao mosteiro de S. Gens, onde hoje é a ermida de Guadalupe. Logo que os portugueses a venceram, deram conta de que o rei havia desaparecido, e procurando-o aterrorisados, por tôda a parte, fôram encontrá-lo deitado por terra, como morto, ao pé do seu cavalo. Despiram-lhe as armas, felizmente a tempo de não sufocar de todo, pois a sua gordura, com o calor, o puzera em risco de morte.

E, ao acordar do letargo, dando graças a Deus, ordenou nou se levantasse, no chão em que caíra, uma cruz que lembrasse o triunfo e aquêles que haviam tombado para sempre, em cumprimento do seu dever de cristãos e patriotas.

Essa cruz de madeira primitiva foi substituida por outra de pedra, por determinação de D. Diniz: — é a Cruz Nova!

Encontro, num recinto fechado, o Jardim Público.

A entrada engalana-se de jasmineiros. Os muros são acompanhados de miosporos.

Buxos, talhados piramidalmente, loendros, lilazes, roseiras, lírios. Alguns talhões de craveiros, de margaridas, de amores perfeitos, bordados de boninas.

Um marco fontenário goteja... E tudo diz, neste abandôno, em Maio, no mês das flores, a falta de água.

De revestimento florestal, noto palmeiras, eucaliptos, austrálias, robinias, cedros do Buçaco, pinheiros de Alepo, olmos, tílias, olaias, acácias — mas de cada essência duas ou três árvores apenas, sem formar espessura, dispersas aqui e além, como só para demonstrar que nesta parte do Alentejo a incúria é que dá lugar à falta de árvores de benéfica sombra.

Passa um rancho de cantadores. Pregunto quem são, e respondem-me que são britadores de pedra, lá do Norte — *galêgos*.

E como só os oiço falar português, e bom português da Beira, não posso deixar de sorrir, compreendendo que, em Serpa, também eu sou *galêgo*...

Isto deve vir desde a Reconquista, em que se chamaria aos portugueses do Norte, que levaram os dominadores do Sul a fio de espada, galêgos — por saber-se que da terra calaica, que se estendia até ao Douro, partira o primeiro impulso da emprêsa guerreira que talhou o reino de Portugal no solo da Península.

Este apelido racial será, pois, um grande nome, e quererá dizer, em Serpa — ilustre, heróico e vitorioso!

Ergo a cabeça com fidalga ufania, atravesso um largo, plantado de pimenteiras, e entro na Rua dos Lagares.

Como é ainda cêdo para o almôço, continuo o passeio.

Um companheiro de Coimbra dá de cara comigo. Não o vi há trinta anos, mas logo o reconheço!

Mas fala-me, como se nos houvéssemos despedido na véspera:

— Como estás tu?

E segue...

Estes bons alentejanos! não há gente mais simples, mais singelamente afectiva, creiam.

Ah! podemos vir sossegadamente por aqui, bem seguros de que ninguém nos importunará: quando muito, algum velho camarada da Universidade ou das tertúlias dos cafés lisboetas nos embargará um instante o passo:

— Olá, rapaz, por aqui?

E, restituido ao torrão natal, sob a pressão da latitude, ganho por ancestrais hábitos de concentração e silêncio, seja qual fôr o nosso alvoroço, emmudecerá, e permutados os cumprimentos, correrá para casa — a aborrecer-se sòzinho.

Não julguem êstes bons alentejanos pouco hospitaleiros, não; o que são é amorosos de paz, de recolhimento.

Ao forasteiro ninguém o inquieta; pobre ou rico, ilustre ou obscuro, ninguém o perseguirá com atenções que o macem: pode gosar o descanso.

Os alentejanos o que não querem é ser importunos. Julgam-se por si próprios...

Assim, esta Serpa é uma deliciosa mansão para escritores e artistas, a quem a recomendo: aqui poderão trabalhar á vontade; ninguém se meterá com êles.

Entro pelos trigais, em direcção a uma ermida, que alveja na verdura. É a ermida de S. Pedro, redução rústica do tipo de S. Braz de Évora, com botareus cilíndricos e corucheus cónicos, que tomou raiz por êstes sítios em fins do século XV.

Deste ponto, o povoado oferece um trecho de variada expressão, que se fixa na retina intensamente. Perto, a estria branca da estrada, á borda da qual ondulam as messes; em seguida, muros de adôbe abrigando um pomar, em que se sente rumorejar a água, regando; noutro plano, o casario, faiscante de caio, projectando se nos sombrios lanços da fortaleza; e, enfim, recortada no fundo da perspectiva, a decoração rítmica da arcada italiana dum aqueduto, a principio assente na bruteza da muralha, e liibrando-se depois no horizonte opalino, como um vôo de sonho que procura o azul dos céus!

LOPES D'OLIVEIRA

A VISITA DE MILLAN ASTRAY

Millan Astray condecorando o alferes Coelho da Rocha. — *Á direita:* Millan Astray com o Embaixador da Espanha na sua chegada à séde da União dos Inválidos da Guerra onde se realizou uma sessão solene. Discursaram o coronel Campos Rego, o embaixador de Espanha e Millan Astray

Ao centro, à esquerda: Millan Astray dirigindo uma alocução aos «Viriatos». — *Á direita:* Millan Astray na Casa de Espanha durante a execução do hino da «Legião Estrangeira». *Em baixo:* Millan Astray e o Embaixador de Espanha (ao centro) ladeados pelos oficiais que assistiram ao almôço oferecido pelo chefe da Missão Militar Portuguesa ao heróico general espanhol

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Realizou-se em Londres, na Igreja de Little Horsted, um casamento que une duas famílias inglesas muito estimadas e conhecidas em Lisboa; A noiva, Miss Mónica Mary Eileen Leta Pope é filha do tenente-coronel W. G. T. Pope que foi administrador geral da Companhia dos Telefones e que é uma das mais queridas e representativas figuras da Colónia Inglesa em Lisboa; o noivo, Mr. George Ian Rankin é filho de Mr. Cunison Deans Ranking de Wimbledon que há longos anos vive também em Portugal.

Celebrou a cerimónia religiosa o rev.º padre Powel, primo da noiva.

A noiva vestia uma linda toilette de brocado dourado e um véu antigo de família em renda Limerick; a cabeça ornamentada com rosas douradas iguais às do ramo completava um conjunto de alto bom gôsto. Mrs. W. G. T. Pope, sua mãe, vestia azul escuro com uma grinalda de orquídeas. Mrs. Rankin tinha uma toillete preta com grinalda de cravos.

Após a cerimónia que foi cantada e durante a qual se executaram trechos de Bach, Gaul e Mendelssohn, foi servido um copo de água na residência do rev.º Powell. Os noivos seguiram em viagem de lua de mel pelo Continente Europeu donde virão fixar residência entre nós.

— Na capela particular do palacete da senhora D. Cecília Van-zeler de Castro Pereira, realizou-se o casamento de sua neta, sr.ª D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, com o sr. Jorge de Melo e Faro (Monte Real).

Serviram de madrinhas da noiva, suas tias, senhoras D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha e D. Maria do Carmo de Castro Pereira do Casal Ribeiro de Carvalho, e de padrinhos do noivo os srs. Henrique de Araujo Sommer e D. Diogo de Vilhena Maldonado Pezanha, respectivamente tio e cunhado do noivo.

Casamento da sr.ª D. Alice Cancela Infante de La Cerda com o sr. Alexandre José Pinto Basto Ribeiro da Cunha, conforme notícia publicada no nosso último número
(Foto, Moreira)

Aos noivos fôram oferecidas ricas e valiosas prendas.

Depois da cerimónia religiosa foi servido aos numerosos convidados um fino lanche.

— Na capela de Nossa Senhora do Monserrate, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria José das Dores Maier de Morais Palmeiro (Regaleira), com o sr. engenheiro-agrónomo Manuel Fusquini Perfeito de Magalhães e Menezes de Vilas Boas. Serviram de madrinhas da noiva, sua tia a sr.ª condessa de Cartaxo e sua cunhada a sr.ª D. Ana Maria Vilar da Costa Lima de Morais Palmeiro (Regaleira) e de padrinhos do noivo, seu pai e irmão, srs. Fernando Perfeito de Magalhães e Menezes Vilas-Boas e Augusto Fusquini Perfeito de Magalhães e Menezes Vilas-Boas.

Finda a cerimónia religiosa, a que assistiu grande número de parentes e pessoas amigas, foi servido um fino lanche, em casa das irmãs da noiva.

Os noivos partiram para S. João do Estoril a passar a lua de mel, tendo lhes sido oferecido grande número de valiosas e lindas prendas.

Na capela da Quinta de Santa Ana da Guerreira, da casa Vale, realizou-se o casamento da sr.ª D. Mariana Rita do Vale e Sousa de Meneres, gentilissima filha da sr.ª D. Ana Saraiva do Vale e Sousa de Meneres e do sr. D. João do Vale e Sousa de Meneres, com o sr. D. Duarte de Castro, filho dos srs. condes de Nova-Gôa.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, as senhoras condessa de Penha Garcia, irmã do noivo e D. Ermelinda Saraiva Carlos Alves, tia da noiva, e parte do noivo, os srs. condes de Nova-Gôa, irmão do noivo, e engenheiro João Carlos Alves, tio da noiva.

Foi celebrante o reverendo D. João Filipe de Castro, irmão do noivo, que proferiu uma brilhante alocução ao acto.

Finda a cerimónia foi servido nos jardins da casa Vale, um fino lanche aos numerosos convidados, durante o qual se fez ouvir uma banda de música.

Aos noivos fôram oferecidas lindas e valiosas prendas.

Os noivos partiram para o Estoril, a passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Beatriz Gomes da Fonseca, gentil filha da sr.ª D. Bernardina Gomes da Fonseca e do sr. José Gomes da Fonseca, já falecido com o sr. engenheiro Francisco Gonçalves Cavaleiro Ferreira, filho da sr.ª D. Carolina Cavaleiro Ferreira Gonçalves e do sr. coronel médico dr. António Gonçalves.

Serviram de padrinhos da noiva, a sr.ª D. Alda Silva de Azevedo Lima e o sr. dr. Guilherme de Azevedo Lima e do noivo, seus pais.

Sua Santidade dignou-se enviar a Sua Benção aos noivos, a quem foram oferecidas muitas prendas.

— Pelo sr. Conde de Carcavelos foi pedida em casamento para seu filho, sr. dr. Francisco Pais de Sequeira de Campos e Castro (Carcavelos), a sr. D. Maria Manuela de Magalhães Bastos San Romão, gentilissima filha da sr.ª D. Maria Helena Mamede de Magalhães Bastos San Romão e do sr. Diogo de San Romão

O casamento deverá realizar-se no próximo mês de Julho.

— Na paroquial igreja de Santa Catarina realizou-se o casamento de sr. D. Maria José Pires Rodrigues, gentil filha da sr. D. Amélia Pires Rodrigues e do sr. tenente Luiz Pires Rodrigues, com o sr. António de Jesus Protero, filho da sr.ª D. Cândida de Jesus Protero e do sr. José Barros Protero.

Serviram de padrinhos da noiva, seus primos, sr.ª D. Ana Amélia Pires Benchimol e o sr. Moisés Benchimol, e por parte do noivo, seus pais e tios da noiva, sr. D. Adelaide Alves Pires e o sr. Jerónimo Pires.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas

— Na paroquial igreja de S. Domingos, sendo celebrante Sua Eminência o Bispo de Faro, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Constança Fialho de Sousa Coutinho, gentil filha da sr.ª D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho e do sr. D. António de Sousa Coutinho (Linhares), com o sr. dr. José Pulido Garcia, filho da sr.ª D. Maria das Dores Pulido Garcia e do sr. dr. Francisco Pulido Garcia, já falecido.

Casamento da sr.ª D. Mónica Mary Eileen Leta Pope com o sr. George Jan Rankin, realizado em Londres

Serviram de madrinhas da noiva as sr.as D. Maria Antónia de Sousa Coutinho Teles da Silva e a mãe da noiva, e de padrinhos os srs. visconde de Côrte e dr. João Pulido.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche no Avenida Palace Hotel seguindo depois os noivos para o norte a passar a lua de mel.

Aos noivos fôram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na paroquial igreja de Santo António da Sé realizou-se o casamento da sr.ª D. Constança da Conceição Ramos, gentil filha da sr.ª D. Izabel Maria Ramos e do sr. José Ramos Coelho, já falecido, com o sr. Manuel Amador Barros Martins, filho da sr.ª D. Joaquina Martins e do sr. José Maria de Barros, já falecidos.

Serviram de padrinhos, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria José Girão Barros, e o sr. Domingos Alfredo de Barros, e por parte da noiva, a sr.ª D. Mariana Palma Faria e o sr. Manuel de Sousa Gomes Barquinha.

Presidiu à cerimónia religiosa, tendo havido missa acompanhada a órgão, o reverendo beneficiário Rodrigues Soares.

Finda esta cerimónia foi servido um fino lanche em casa da irmã do noivo, sr.ª D. Apresentação Barros Martins e seu marido sr. Roberto Martins Alves.

Aos noivos, que fôram fixar residência em Beja, fôram oferecidas lindas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso em Espinho, dando à luz duas gentis creanças a sr.ª D.ª Maria Amélia de Azevedo Vaz Pinto, esposa do sr. engenheiro Gaspar de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto.

Mãi e filhos encontram-se felismente bem.

— Deu à luz uma creança do sexo masculino, a sr.ª D.ª Matilde Vieira da Silva e Moura, esposa do sr. Capitão Luís de Moura.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Realizou-se há dias o baptizado de uma filhinha da sr. D. Carmen Anahory Kudice de Vasconcelos e do sr. dr. João Pimentel Pinto Kudice de Vasconcelos.

À gentil creança, que recebeu o nome de Maria da Graça, serviu de madrinha a sr.ª D.ª Maria Antonieta Patrício Alvares de Campos Henriques e de padrinho o tio materno, sr. Mimon Anahory.

A época internacional de atletismo está já assinalada por alguns resultados famosos; entre êles, o do lançador alemão do martelo que alcançou 59m,07, novo máximo mundial

A QUINZENA DESPORTIVA

Temos diversas vezes manifestado a nossa discordância quanto à subordinação das competições desportivas escolares aos poderes organizadores de constituição civil clubista. Não porque lhes neguemos competência ou vontade de bem servir, mas por marcada preferência pelas teorias pedagógicas inglesas de que Tomaz Arnold foi o precursor e segundo as quais os estudantes devem ser êles próprios os mentores e organizadores da sua actividade desportiva.

Seguindo êste critério, a mocidade beneficiaria duplamente: pelo desenvolvimento e educação das energias físicas, pela disciplina e autoridade do caracter.

Os jogos desportivos Universitários, cuja comissão organizadora foi integralmente constituida por alunos das faculdades e escolas superiores, e que apenas solicitou das entidades oficiais do desporto a assistência técnica conveniente para a regularidade das diferentes provas do programa, ajustam-se na perfeição aos moldes nossos preferidos. Oxalá se não perca a iniciativa por falta de continüidade; o sr. Ministro da Educação Nacional, que dispensou a estes primeiros jogos o seu patrocínio e a cujo espírito de largas visões tantos e tão preciosos serviços deve a causa da cultura física em Portugal, prestaria mais um relevante auxílio promovendo a criação duma federação desportiva académica, que chamasse a si tôdas as organizações dispersas e cortasse em definitivo um estado de coisas que a ninguém aproveita.

Basta, como exemplo a citar, o fracasso dos campeonatos universitários de atletismo, que a Associação de Lisboa desistiu de levar a efeito porque não recolheu inscripções que merecessem o trabalho a dispender.

★

A quinzena trouxe-nos o conhecimento de mais um campeão regional, o de «handball», que já de há longas semanas se previa qual fôsse mas só agora e depois de seis meses de competição teve oficialmente confirmado o seu título.

Este campeonato com meio ano de duração, desde 11 de Dezembro de 1938 a 18 de Junho de 1939, deve ser prova única no género e deixou tão desagradável impressão que por certo não voltará a repetir-se segundo a mesma fórmula; é sempre difícil, para não dizer impossível, prender durante tão longo praso o interêsse do público e dos participantes, mas o torneio regional de handball sofreu ainda da agravante imprevisível de haverem ficado determinados todos os primeiros lugares da classificação com larga antecedência. A parte final da prova foi apenas uma obrigação aborrecida, mas que por ser obrigação se não conseguia evitar.

O triunfo alcançado esta época pelo Sporting Clube de Portugal, campeão nas duas categorias com 31 vitórias em 31 jogos disputados e 237 bolas marcadas contra 30 sofridas, é em valor absoluto o mais brilhante possivel e, em valor relativo, certificado duma classe superior à dos seus adversários. A categoria de honra termina o campeonato com 7 pontos de vantagem sôbre o segundo classificado e 11 sôbre o terceiro, ao passo que o avanço da segunda categoria sôbre os imediatos é respectivamente de 5 e 10 pontos.

Esta superioridade manifesta do Sporting sôbre os restantes grupos praticantes não permite afirmar que o nivel médio do handball tenha subido na região, nem tão pouco a marcha do torneio de campeonato demonstra progresso na expansão da modalidade. O número de colectividades desportivas adeptas dêste jôgo tende ao estacionamento, com sintomas até de regressão, e nessas mesmas agremiações os jogadores escasseiam ao ponto de lhes não permitir a conservação de duas categorias em actividade.

Conclui-se, em resumo, da análise à época, que o handball embora possa considerar-se melhorado sob o ponto de vista técnico nos elementos de primeiro plano, está necessitando qualquer acção estimulante para que não decline da posição a que ascendeu na escala comparativa dos jogos em campo praticados no nosso meio desportivo.

★

A temporada de futebol terminou em atmosfera borrascosa, provocada pela atitude um tanto extranha dos dirigentes duma das mais importantes agremiações desportivas do país, que em hora de má inspiração esqueceram que os assuntos do desporto são regulados pelos respectivos poderes constituidos e que é sempre mau levar junto dos mandantes da Nação ecos desprestigiantes de indisciplina e desordem, sobretudo quando estes nunca existiram senão na imaginação dos queixosos.

O assunto é demasiado melindroso para que a seu respeito possa abertamente travar-se polémica ou, mais simplesmente, exprimir doutrina; limitemo-nos a escrever que o desporto é para os seus propagandistas ideólogos um agente de camaradagem, respeito e solidariedade social, que vive subordinado a leis próprias, independente dos interêsses facciosos e extranho ás influências políticas. Só serve a sua causa quem sacrifique conveniências habilidosas à norma de respeito pelo espírito de lealdade dos adversários e de confiança na rectidão de justiça dos organismos dirigentes.

Maus amigos são aqueles que, pelos seus actos, criam a suspeição e abrem portas ao descrédito.

★

Vamos nesta crónica citar um acontecimento extraordinário sucedido no estrangeiro, facto que há bastantes quinzenas não se passava.

No dia 16 de Junho, na futura pista olímpica de Helsinki, o corredor finlandês Testomaki pulverisou o «record» mundial pedestre da légua que era pertença do seu compatriota Lehtineu, percorrendo a distância em menos 7 segundos $^{4}/_{10}$, o que representa praticamente uma vantagem de 45 metros!

Não sei se o leitor fará perfeita ideia do que seja correr cinco quilómetros à média horária de 21,^{kms}204, mas experimente mantê-la durante um pequeno percurso (354 metros num minuto) e avaliará de seguida o merecimento da proeza do fenomenal pedestrianista.

Quando, há vinte e sete anos o primeiro dos finlandeses famosos, Annes Kolehmaineu, aproximou o inesperado limite dos catorze minutos e meio, após uma luta titânica com o francês Bouin, julgou-se atingido o limite das possibilidades humanas e que seria necessária a reünião na mesma pista doutros dois homens excecionais para que o tempo da légua baixasse o seu limite. No entanto, apezar de semelhantes previsões, o «record» diminuiu, de 1912 até à actualidade, 28 segundos, um segundo por ano decorrido.

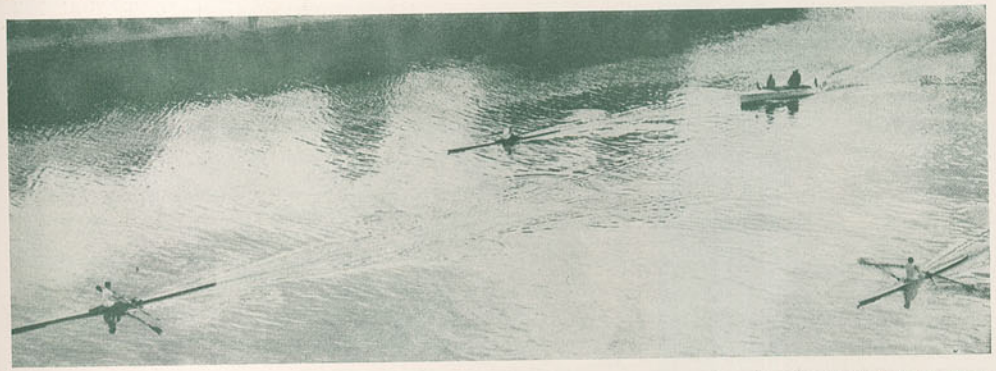
Quem ousará agora afirmar que o futuro não transformará em banalidade o que hoje provoca tamanha admiração?

Sim, porque neste mundo de imprevistos e surpresas maravilhosas, tudo é possível . .

SALAZAR CARREIRA.

A nadadora americana Leonor Holm, campeã olímpica e detentora de «records» no estilo de costas, é agora profissional e a primeira atracção nos festivais do Palácio da Água na exposição de Nova York

Reabriu a tempeorada da natação, e nas piscinas e praias, os corpos dos nadadores que mmergulham desenham no ar figuras de suprema graça



Durante os meses de verão, as provas de remo animam, em todos os países europeus, as águas calmas dos rios e lagos; esta papassagem do recente campeonato de França de «esquifes» deixa-nos uma impressão de beleza e harmonia que faz quási esquecer o esfôrço atlético co dos remadores

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

ADOPÇÃO DE DICIONÁRIOS

Chamamos a atenção dos nossos confrades para a alteração efectuada na lista dos dicionários supra indicados.

RESULTADOS DO N.º 32

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 12)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Nuninho, Siulno, Dado e Castela.

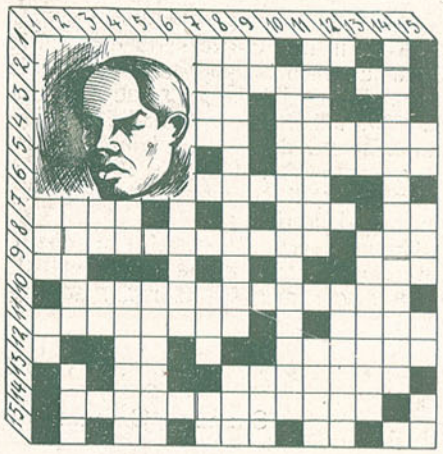
QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado — 11. Dr. Sicascar, Um Misterioso, Francisco José Courelas — 10. Sevla, Oliva, Mirna e Agasio — 10. Dama Negra, Calaveras, Anjo das Serras, Diriso e Cigano — 8. Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Tarata, Visconde X. Fra-Diávolo, Ameolinda e Aristofanes — 7. Neptuno, D. O. X. e Doris I — 5.

DECIFRAÇÕES

1 — Rodaviva. 2 — Voadura. 3 - Desagradecido. 4 — Secação. 5 — Martelo. 6 — Magana. 7 — Micado. 8 — Evara. 9 — Entredia. 10 — Caïque. 11 — Mudado. 12 — E dizendo isto arranca meia espada.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS

1 — Composição poética para ser cantada; a alma. 2 — Soalheira; entrega. 3 — Artigo definido; vogal e consoante. 4 — Sua; espora. 5 — Prosseguir. 6 - Vila alentejana. 7 — fluxo; época: agora. 8 — Romance de Aquilino Ribeiro: os. 9 — Pronunciei; tempo de uma traslação completa da terra em volta do sol. 10 — Obra literária de A. Ribeiro. 11 — Carinhosos; cevada. 12 — O ser consciente; pegara. 13 — Viração; suasório. 14 - Romance de A. Ribeiro. 15 - Tudo o mais; espádua; duas vogais irmãs; apenas.

VERTICAIS

1 — Incómodo; figura. 2 - Aprontam; inferior. 3 — Zomba; laço. 4 — Eia; refinara. 5 — Covil. 6 — Copos grandes de vinho. 7 — Pedes; mentira; bom. 8 — Reprovas; geração. 9 — Pertences; ligo. 10 — Destinai (tratando-se do endereço de uma carta). 11 — Obra literária de Aquilino; aversão. 12 — Parai! nomeação. 13 — Nota musical; selava com lacre. 15 — Clima; ocasião; eia; poeira.

OBSERVAÇÃO: *Os lados dos quadrados, em duplicado, indicam a separação das palavras componentes dos títulos completos das obras a que se refere.*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 41

TRABALHOS EM VERSO

LOGOFRIFO

(Agradecendo ao prezado confrade «Ordisi» o prémio do «Desporto Mental» que me foi conferido).

1) Meu caro «Ordisi»: Obrigado
Pelas «Abelhas Doiradas»
Que recebi há bocado,
Do concurso de charadas.

Se da grande Arte Edipista
Fôsse esperto como um alho,
Vá lá. Mas. . um charadista
Imperfeito, no seu *«talho»!* — 1-2-5-6

Assim, nesta conjectura,
Tenho que, antes de traçar,
P'ra não fazer má figura,
O intelecto *joeirar.* — 4-1-2-3

Depois dêle bem 'spremido
O que é que de lá se tira?...
Um saber mui corrompido!
Creia que não é *mentira.* — 5-2-1-6.

Não vos quero maçar mais,
Caro «Ordisi», grande vate;
Aceite, sim, cordiais
Cumprimentos do

Leiria *«Magnate»*

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

(Declinando um honroso convite. — Pretexto para um trabalho).

2) Pediu-me «Alguém», um que «pesca»
A valer, segundo creio,
De charadismo, um trabalho
Pela volta do correiro
P'ra secção duma gaseta
Que horas depois vinha à *luz* — 2
No arrabalde lisboeta.
« — E' brincadeira!» supuz.
Pedir colaboração
E' trivial, é *«corrente»* — 2
Mas com tal pressa é que não.
E além disso é exigente...
Quer logogrifo em soneto,
Feito num rufo! a vapor.
Fácil, e talvez faceto,
P'ra não maçar o leitor.
P'lo visto «Alguém» é um «alho»!
Pensa, escreve, leva a cabo
O mais difícil trabalho
Sem o mais pequeno escolho,
Enquanto o negro diabo
Solta um ai! ou esfrega um ôlho!
O convite é um favor
Pelo qual grato lhe fico;
Mas recorrer a um cultor
Velho, já de pés p'rá cova
«Não leva água no bico?»
E há tantos confrades nossos,
Gente moça, gente nova,
Mestres na arte de rimar
A trôco de padre-nossos,
Que é caso pr'a suspeitar
Que o ilustre «Alguém», afinal,
Veio à «pesca»... Quiz «pescar»
Mais um freguês p'ró *jornal.*

Lisboa *Sileno*

3) Nas margens do Tejo, havia
Muita gente olhando o mar,
Tôda cheia de alegria...
E' que ao longe, tudo via,
Uma nau a navegar.
Era a frágil caravela,
Que venceu o mar profundo
E dominou a procela.
Tão pequena... pois foi ela
Quem rodou primeiro, o mundo!
Como *um* berço de criança... — 2
Tão pequena... pois foi ela,
Quem dobrou e com pujança,
O Cabo da Boa Esperança,
Madrinha da caravela.
Na praia, o povo reza,
— Almas sãs, almas abertas —
Chegou a nau portuguesa,
Que fez da lenda a certeza,
Essa nau das descobertas.
¿Quem vem nessa caravela
Tão gentil e tão pequena,
Que dominou a procela?
— Traz uma cruz numa vela,
Igual à cruz nazarena —
São os luso navegantes,
Que voltam das olimpíadas,
Onde venceram gigantes,
Cantando os feitos brilhantes,
No *poema* dos Luzíadas. — 2
.....
Entra no Tejo, serena,
A «Senhora da Esperança»,
Tão frágil, que até faz pena...
Tão gentil e tão pequena,
Como um berço de criança.

Com uma fôrça inaudita,
Num grito d'alma profundo,
Há um marujo que grita,
Olhando a Pátria bendita:
Portugal! É nosso *o mundo!*

Lisboa *Rocambole*

6) GEROGLIFO SIMPLES
(Enigma figurado)

Leiria *Magnate*

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

(Ao confrade Alvarinho, agradecendo a sua aditiva n.º 11. (Desporto mental n.º 32)

4) Comprei hoje uma *panela* para oferecer a uma bonita *«mulher»*. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

5) Este *rapazote* é um verdadeiro *idiota.* 3-2.

Luanda *Mr. Le Bossat*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

OS SANTOS POPULARES DE JUNHO

Algumas das marchas que percorreram a cidade nas noites dos Santos Populares: A dos Bombeiros Voluntários de Algés, a do Bairro Alto, a dos «Sempre Unidos» da Graça, e a Marcha Infantil do Campo Grande, que espalharam por onde passaram a sua tradicional alegria tão característica no nosso povo

PÁGINAS FEMININAS

NESTA *época de materialismo que atravessamos há muito quem pense que o dinheiro é tudo na vida, e, que só com fortuna, se pode ser feliz e viver com alegria.*

E apesar de estarmos atravessando uma fase em que a humanidade é acima de tudo utilitária, não é ainda o dinheiro, que dá a felicidade e ainda bem que assim não é; porque representa isso, que os sentimentos humanos ainda se envolvem num outro ideal superior, onde o dinheiro não entra e nada pode.

E se assim é na generalidade, muito mais isso se faz sentir na alma e no coração da mulher, que continua mais acessível ao sentimentalismo do que o homem.

E é desta sua maneira de sentir que nascem muitas vezes os mal entendidos que arrazam um lar e escangalham vidas, que pareciam inevejáveis aos olhos dos que os viam apenas passar na exteriorização do bem estar material, que têm a aparência dum viver feliz.

Há almas de mulher que se estiolam num ambiente de luxo; pela falta do carinho animador, da ternura que tudo torna agradavel e duma comunhão espiritual superior, que eleva duas almas, e, as une numa só, num ideal comum.

Há homens que pensam que rodeando a sua mulher de todas as comodidades materiais, dando-lhes uma casa esplêndida, forradas a seda as paredes, decoradas com primor, mobiladas com luxo, rodeadas com jardim, pondo-lhes á porta um luxuoso automovel, da última marca, abrindo-lhes crédito na melhor modista e oferecendo-lhes uma joia de valor, de vez em quando, tiveram para com essas mulheres todas as atenções a que um coração de mulher aspira.

Dos seus gôstos nunca inquiriram, dos seus sentimentos intimos riem, como de pieguices infantis. Pedem-lhes apenas que sejam bonitas, que se inclinem deante dos seus caprichos, que lhes govern m bem a casa, e, que satisfaçam o seu egoismo.

E' o seu gôsto que impera, vive-se apenas segundo a sua maneira de vêr debaixo das leis, algumas vezes, dum estúpido ciume, e, não sentem êsses homens a revolta surda que começa a fermentar na alma dessa mulher que é tratada como uma odalisca, fechada, no hárem do egoismo masculino.

Pobres e bem pobres essas mulheres que vivem nesse triste luxo, se não tiverem uma alma formada para um alto ideal, em que a base é o espírito de sacrifício, ideal que lhes permite aceitar sem vacilar o dever que o destino lhes impoz.

As mulheres, em geral raras, que não têm em si o espírito de sacrifício e que vivem nestas dolorosas circunstâncias, a alma amolecida pelo luxo que as circunda, sem um trabalho obrigatório que as distraia dos seus sombrios pensamentos, estão á beira dum abismo em que acabarão por cair, se não há quem lhes mostre o perigo que as ameaça e quem lhes dê na vida um interêsse superior, de arte ou de caridade, que introduza um derivativo, nessa triste ilusão, que a vida lhes deu.

Que não é o dinheiro que faz a felicidade da mulher, demonstram-no esses casos que são muito mais numerosos do que se imagina e mais vivamente o demonstram certos lares modestos

Há pequenas casas com as paredes pintadas a óleo; móveis em pinho, em que a guarnição de luxo é o «cretonne» e onde se respira a mais completa felicidade; onde ao entrar nós sentimos almas tranquilas no doce afeto que os une, numa comunhão absoluta de sentir, num ideal superior comum, que torna fáceis todos os sacrifícios e agradáveis todas as privações. O vestido de chita feito em casa, cobre uma mulher feliz, que o marido admira na sua graça simples e em quem deposita a confiança que a sua alma superior merece, e, que ele sabe poder ter. E nesse ambiente modestissimo, mas sereno, a mulher que se sente querida e rodeada de carinhos, abre a sua alma e evola esse espírito de sacrifício, que faz de algumas mulheres verdadeiras heroínas ignoradas, que são as esposas perfeitas e as mães amantíssimas.

E' que as mulheres são como as flôres para exalarem toda a beleza moral que a sua alma encerra, precisam do calor forte duma afeição compreensiva e terna, como o sol dá às flôres a vida, as côres e o perfume que evolam.

Não é o dinheiro que dá a felicidade, e é para as pobres que vivem no luxo, que deve ir a nossa piedade, porque precisam dum forte amparo para se manterem no caminho do dever, que a dignidade da mulher impõe.

MARIA DE EÇA.

A MODA

GARRIDA de côres a moda dêste ano é a mais graciosa dêstes últimos tempos, porque é também a mais amável de tôdas, porque se apresenta tão gentilmente, que não esquece ninguém e há nas suas mil variantes por onde escolher.

Finalmente que a moda não impõe um padrão único e que altas, baixas, magras e gôrdas não se vêem obrigadas a vestir da mesma maneira quer tenham dezoito, quarenta ou sessenta anos.

Há modas para as raparigas novas, paras as senhoras e para aquelas a-quém a idade não permite extravagancias embora possam conservar uma elegância, a que a mulher não renuncia, fácilmente ou pelo menos sem desgôsto.

Em tôdas as idades se pode ser elegante e vestir bem, a questão está em saber escolher o que é próprio e pode fazer salientar essa natural elegância, que se pode conservar, se não houver uma predilecção por modas que de maneira nenhuma condizem com os cabelos brancos.

Saber vestir constitui uma arte que, para ser perfeita, é necessário que se vá modificando conforme os anos vão passando. Há certas côres que se não podem usar passada a mocidade, mas outras há que através dos anos se usam ficando sempre bem.

O branco é uma dessas côres. Novas e velhas de tôdas as idades, o branco favorece e não é ridículo. O mesmo não sucedendo com côres berrantes e com algumas bem mimosas, como a rosa e o azul claro.

Apresentamos ás nossas leitoras alguns modêlos de prática e superior elegância.

Vestido de tarde em «crêpe satin», feito do lado baço do tecido. Saia e bolero, muito simples. O bolero apenas chega à cintura. Gola e canhões em setim branco. Blusa de setim branco descendo abaixo das ancas, com cinto preto. Chapéu em feltro preto, com fita de setim branco rematada na frente com uma aplicação em pedras.

E' uma «toilette» distinta e que ficará bem a qualquer senhora, ainda que não esteja na primeira juventude.

Graciosa «toilette» para menina ou senhora muito nova. Saia em sêda de fantasia quadriculada em azul escuro e branco. A saia bastante rodada, tem a roda puxada à frente num franzido. Jaquetinha em «tussor» de fio grosso, em azul-escuro, abotoadinha à frente, sapatos em camurça azul-escuro.

E' uma «toilette» muito moderna e dum aspecto muito novo.

Vestido de noite em crepe mate branco, a saia é plissada em malhinhas estreitas nas ancas e alargando para baixo. O corpo muito liso é guarnecido com um rico bordado em contas de côres, onde predomina o azul forte. A cintura é sublinhada por um cinto estreitinho, que fecha, com uma minuscula fivelinha. E' uma «toilette» duma grande simplicidade, mas dum lindo efeito porque o bordado enriquece-a.

Para de manhã e para a praia ou têrmas temos uma graciosa jaquetinha em riscas azuis, dois tons e brancas, em malha de lã.

E' uma espécie de bolero até à cintura com as riscas enviusadas; abotoado na frente, mangas simples e curtas. Muito prático e gracioso.

Com a mudança de penteados que ultimamente se tem feito, muitas senhoras não sabem como dispôr o seu cabelo. E' difícil arranjar a cabeça quando se perdeu o hábito de o fazer com o uso do cabelo cortado.

Mas o melhor sistema é ir primeiro ao cabeleireiro ajustar o cabelo escolhendo um penteado que favoreça, e, em seguida, fazer êsse penteado, aproveitando o geito dado.

Damos hoje um lindo modêlo para as senhoras a-quém fica bem o cabelo para cima, puxado ao alto da cabeça. E' gracioso o penteado e muito leve, com os rôlos caindo para a testa.

AS CRIADAS

HÁ um inexgotável assunto nas conversas femininas, que é o assunto das criadas; as senhoras queixam-se do mau serviço e da dificuldade em arranjar criadas.

Mas temos que pensar que defeitos tôdas temos e que as criadas não podem ser a perfeição, tanto mais que pertencem em geral a um meio social, em que a educação não pode refrear os instintos.

O serviço tem sempre de ser vigiado pela dona da casa, porque a verdade é que quem faz sempre a mesma coisa, se não tiver um interêsse espiritual, que em geral não tem o serviço das criadas, acaba por cansar e se desleixar.

Claro que a dona da casa tem sempre de as incitar ao trabalho e de as vigiar, mas não quer isto desculpar os ralhos constantes, que são muitas vezes originadas por uma má disposição de que as criadas não têm a culpa.

A dificuldade em arranjar criadas é na verdade grande, porque a maioria das senhoras por motivos justificados ou não, não gostam em geral das criadas das agencias.

Há países onde não existe essa repugnância e arranjam criadas com facilidade.

Em Belgrado capital da Yugoeslavia há um mercado como o de todas as cidades, mais pitoresco, que a maioria dos mercados, pela sua situação junto das azuladas águas do Danúbio, e pela policromia e variedade dos trajos dos aldeões, que nos Balkans conservam cuidadosamente a sua indumentária, sendo interessantes eles e elas com as suas altas botas de coiro vermelho.

Nesse mercado, na rua principal, realiza-se duas vezes por semana a feira (chamemos-lhe assim). dos criados; dum lado da rua enfileiram os homens, do outro as mulheres e quem precisa de pessoal vai ali e escolhe.

Desde a rapariga para voltas, até á cozinheira afamada, ali encontra tudo o que precisa de pessoal, desde o rapaz dos recados ao criado de mesa e ao «chauffeur» tudo ali se encontra.

E as senhoras da Yugoeslavia não são mais mal servidas, nem se queixam mais das criadas do que as de qualquer outro país. E sabem sempre onde encontrar criadas.

O DÉCALOGO DA SAÚDE

EM tôdas as escolas primárias do Estado de Illinois, nos Estados-Unidos da América encontra-se afixado o seguinte quadro impresso, a que os americanos chamam «Os dez mandamentos da saúde»:

1.º — Trata dos teus dentes sempre depois de cada refeição, lavando bem a bôca.

2.º — Bebe tanta água quanta queiras, contanto que não estejas suado, nem seja inquinada a água.

3.º — Vive ao ar livre o mais tempo que puderes.

4.º — Inspira sempre pelo nariz, expirando depois pela bôca.

5.º — Conserva as janelas abertas de dia e de noite, mas evita as correntes de ar.

6.º — Toma muitos banhos ou pelo menos o banho diário.

7.º — Faz todos os dias meia hora de exercício físico ou um passeio a pé, de preferência ao sol.

8.º — Nunca te exaltes, nunca te zangues, mostra-te sempre calmo, alegre ou satisfeito.

9.º — Não tenhas mêdo de rir, ri, ri, ri sempre que puderes e o mais das vezes melhor.

10.º — Nunca te convenças de que estás triste ou que és infeliz.

Realizando à risca o que manda êste décalogo tem-se bôa saúde física e bôa disposição moral.

RECEITAS DE COZINHA

Bolo Mimoso: 12 gemas de ovos, 6 claras, 500 gramas de açucar pilado; 500 gramas de amendôas doces peladas e pisadas; compota de casca de laranja azeda, 0,2, calda desta compota 0,15 e manteiga derretida 60 gramas. Batem-se primeiro os ovos com o açucar até ficarem em castelo, depois deita-se-lhe a manteiga derretida, que se mexe muito bem e em seguida o doce de laranja e as amendôas pisadas finamente. Mexe-se tudo muito bem e deita-se numa lata untada com manteiga, levando depois ao forno com calor um pouco inferior ao da cozedura do pão.

Sopa Saint-Germain: Coze-se um quilo de ervilhas num pouco de água com sal e uma pitada de soda. Logo que estejam cozidas, tiram-se, escorrem-se, pizam-se e passam-se pelo passador. Junta-se este puré a um bom caldo de carne e na ocasião de servir deitam-se duas colheres das de sopa, de manteiga fresca. Antes de se passarem as ervilhas guardam-se três colheres de ervilhas inteiras que se deitam nos pratos.

HIGIENE E BELEZA

ULTIMAMENTE as senhoras queixam-se muito que as suas unhas, objecto de tantos cuidados e embelezamento, estão enfraquecidas, partem com facilidade e se desfalham. Em geral provém isto de enfraquecimento do estado geral que se trata com arseniatos e glicerofosfatos.

Mas há agora a atender também o abuso do verniz de côres, que quando não seja de bôa qualidade acaba por atacar as unhas, prejudicando o que se lhes quer dar: a beleza.

Como remédio, deixar de usar o verniz durante um tempo e aplicar de manhã e à noite a seguinte pomada nas unhas, para não sujar a roupa calçar umas luvas de malha usadas.

Lanolina 10 gramas, oxido de zinco 1 grama, glicerofosfato de cal 1 grama, aracinato de soda 0,05, nitrato de pilacarpina, 0,90, extrato de noz vomica 0,50, cochinilha para calorir, o que baste.

Puxar o lustro ás unhas com o polidor e querendo tê-las mais brilhantes de vez em quando aplicar pomada Ruha de Houbigant. Por muito estragadas que as unhas estejam melhoram em pouco tempo.

DE MULHER PARA MULHER

Graziela: — É muito difícil dizer-lhe o que deve fazer embora o ambiente internacional se apresente mais desanuviado.

Se tem coragem para arrostar com os riscos duma viagem nessas condições, é fazê-la. Na verdade os programas são tentadores. Não leve muita bagagem.

Carioca: — É natural essa dificuldade de adaptação; a todas isso acontece quando se muda de país, com aspeto definitivo, mas creia que acabará por se adaptar e vai ver que juntando muito bôa vontade á ternura que tem por seu marido, ainda se sentirá muito feliz aqui. É bem natural sentir saudades dos seus, mas já não há distâncias com as facilidades de comunicação.

É sobretudo não mostre essa disposição de espírito a seu marido, porque pode desagradá-lo.

Provinciana: — Não a lamento, antes pelo contrário a felecito, por viver uma vida tão útil e agradável nessa deliciosa paz.

De Eça de Queiroz aconselho-lhe «A cidade e as serras», «A ilustre casa de Ramires», «A correspondência de Fradique Mendes», «Cartas e bilhetes de Paris». Os outros por enquanto não leia, ainda é muito nova para ler coisas que infelizmente são a vida.

Bibi: Não concordo com a sua opinião, uma rapariga que estuda, deve vestir-se como todas as outras raparigas, porque nada ha de mais desagradável do que essas meninas que tomam um aspecto masculino, e, um ar doutoral, porque fazem um curso, o que hoje é uma coisa banal e que a maioria das raparigas fazem. Vista se e penteie-se como é moda e deixe-se dêsse aspecto pretencioso.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — R. V. 8
Ouros — A. 2
Paus — A. 3

Espadas — — — —	**N**	Espadas — 8, 3
Copas — 10, 9, 7	**O** **E**	Copas — D.
Ouros — D. 10		Ouros — R. V.
Paus — R. 8	**S**	Paus — 10, 4

Espadas — 9, 7, 6
Copas — — — —
Ouros — 6
Paus — D. 9, 5

Trunfo espadas. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução)

S joga R *p.*, **O** — A *p.*, (a) **N** — R *c.*, **E** — V *p.*
N » R *c.*, **E** — 8 *c.*, **S** — A *c.*, **O** — 2 *c.*
S » V *c.*, **E** — D *c*, **N** — A *e.*, **E** — 9 *c.*
N » 2 *c*, **E** não pode defender nenhum dos naipes, **S** — 4 *c.* e faz as vasas tôdas.

(a) **S** joga R *p*, **O** — 2 *p.*, **N** — 3 *c.*, **E** — V *p.*
S joga 4 *c.*, **O** — 2 *c.*, **N** R *c.*, **E** — 8 *c.*
N » 2 *c.*, **E** — qualquer carta, **S** — 4 *c.*
S » A *c.* e faz tôdas as vasas.

O avozinho

(Solução)

As netas têm 4.5 e 11 anos.

$(4 + 5 + 11 = 20)$
$(4 \times 5 \times 11 = 100 = 3 \times 4 \times 10)$

Que número é?

(Problema)

Se multiplicarmos um certo número por 3 e lhe subtrairmos depois 40, o resultado será 140. Qual é êsse número?

Espantalhos falantes

O velho espantalho dos nossos avós, com os seus braços em cruz e o seu antigo chapéu alto no tôpo, está sendo modernizado, de fórma curiosa, na Califórnia.

Nas árvores de plantação de fruta, colocam-se alto-falantes de T. S. F. Estes espalham, pela folhagem, a sua música e até conferências que ao que parece, fazem mêdo aos pássaros.

Mas os pássaros daninhos que em geral, acabam por se habituar aos espantalhos, habituar-se-hão igualmente, aos sons emitidos pela telefonia.

A escritora inglesa Emiley Brontë aterrorisasava-se com a ideia da celebridade e não queria que ninguém, nem mesmo seu próprio pai, soubesse que ela escrevia.

Eleonora Duse era tão modesta que não gostava de assinar o seu próprio nome nos seus retratos:

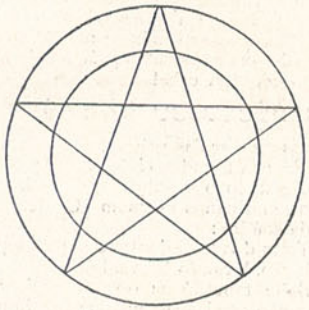
Em vez disso escrevia quási sempre o nome da personagem que representava, na fotografia.

Uma «linotype» minúscula

Há poucos anos, um inventor americano, de Jowa, de nome Ch. Bondey, confeccionou uma máquina de compor, de vinte centímetros de altura. Essa *linotype* liliputiana é movida por um motor de tamanho porporcionado. Compõe linhas igualmente em miniatura. Consta que o seu constructor trabalhou oito anos para realizar esta obra-prima de paciência.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)



Trata-se de copiar o desenho aqui junto, sem levantar o lapis do papel e sem cruzar nenhumas linhas nem passar duas vezes pelo mesmo ponto.

A' procura de médico

Um cão vadio foi durante algum tempo cliente voluntário dum dispensário de Siliguri, em Bengala, na Índia inglesa. Tendo recebido um profundo golpe na cabeça apareceu, faminto à porta do dispensário e foi dali enxotado pelos empregados.

Um dos médicos, porém, teve dó do animal e pensou-lhe a ferida. No dia seguinte, o cão tornou a aparecer e o médico voltou a fazer-lhe o tratamento. Desde então apareceu tôdas as manhãs para receber curativo, até a ferida estar curada.

Depois de curado, todavia, nunca mais voltou ao dispensário.

Morreu há tempo com 82 anos num mosteiro do monte Atkas, um homem que nunca na sua vida tinha visto uma mulher. Chamava-se Mikailo Toloto. A mãi morrera quando êle nasceu, e desde êsse momento foi criado e educado no mosteiro onde nunca entra mulher alguma.

Mais tarde tornou-se monge.

O xadrês improvisado

(Solução)

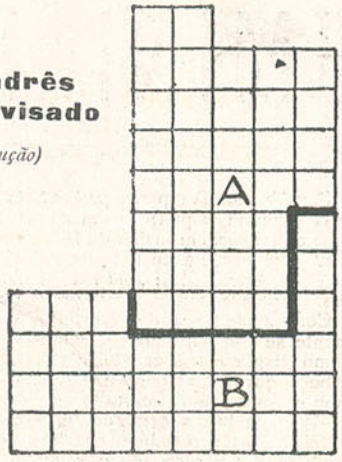


Fig. 1

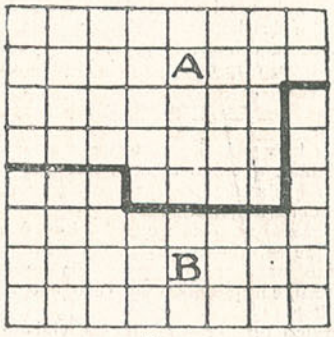


Fig 2

O traço negro na figura n.º 1, mostra a maneira como o oleado foi cortado pelos patuscos estudantes, em duas partes, de modo que, juntas essas duas partes, se pudessem obter um quadrado perfeito conforme mostra a figura n.º 2, e e se tivesse conseguido arranjar o taboleiro de xadrês.

Florestas virgens

Ainda hoje existem na Europa — segundo um magazine italiano — florestas virgens, isto é florestas onde nunca a mão do homem abateu uma árvore, onde estas têm mais de mil anos e os troncos mortos apodrecem na humidade.

A Alemanha é o único país da Europa onde elas existem e é na Baviera que especialmente se encontram.

O chefe do escritório: — *... e o seu ordenado será de 500$00 por mês, passando a 600$00 daqui a seis meses.*

A pretendente ao logar: — *Então, o melhor será talvez eu entrar daqui a seis meses, não acha!*

(Do «The Humorist»).

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116$72

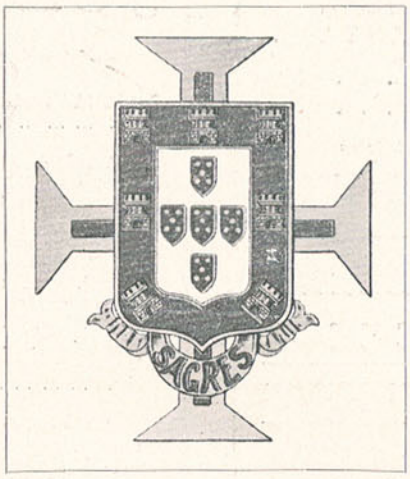
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

COLECÇÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor, após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance de uma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. brochado . . . **Esc. 4$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.
6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
81 — **A Agência Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
82 — **A Agência Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 3.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA